

PRÁTICAS ESCOLARES DE INCLUSÃO EDUCACIONAL

Experiências compartilhadas por educadores da Rede Estadual de Ensino

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

EDUCAÇÃO DO CAMPO

EJA NO SISTEMA PRISIONAL

ESCOLARIZAÇÃO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

VOLUME II

SÃO PAULO

2017



Governador

Geraldo Alckmin

Secretário da Educação

José Renato Nalini

Coordenadora de Gestão da Educação Básica—CGEB

Rosângela Aparecida de Almeida Valim

Departamento de Desenvolvimento Curricular e Gestão da Educação Básica—DEGEB

Jane Rúbia Adami da Silva

Centro de Atendimento Especializado—CAESP

Nadine de Assis Camargo

Núcleo de Inclusão Educacional—NINC

Laís Barbosa Moura Modesto

Equipe Técnica

Carolina Bessa Ferreira de Oliveira, Julieth Melo Aquino de Souza, Rafael Bruno Lopes Salgado, Renato Ubirajara dos Santos Botão e Uiara Maria Pereira de Araújo

Organização da Publicação

Carolina Bessa Ferreira de Oliveira, Julieth Melo Aquino de Souza, Renato Ubirajara dos Santos Botão

Capa e diagramação

Uiara Maria Pereira de Araújo

APRESENTAÇÃO

A presente publicação apresenta algumas práticas escolares de inclusão educacional realizadas e compartilhadas por profissionais que atuam na Rede Estadual, em Unidades Escolares e Diretorias de Ensino.

Em continuidade ao Volume I, publicado no ano de 2016, o Núcleo de Inclusão Educacional (NINC), do Centro de Atendimento Especializado (CAESP) da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB) da Secretaria da Educação do Estado (SEE), organizou o Volume II, com o objetivo de promover visibilidade e fomentar a replicabilidade de práticas escolares relacionadas às frentes de trabalho (temáticas e modalidades de ensino) em que atua a equipe NINC: Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), EJA no Sistema Prisional, Escolarização no Sistema Socioeducativo, Educação Escolar Quilombola, Diversidade Sexual e Gênero e Educação Escolar Indígena.

Agradecemos aos profissionais da Rede, e parceiros, que compartilharam suas experiências, artigos e relatos, respondendo à chamada do NINC para esta publicação (Volume II). Parabenizamos pelos trabalhos elaborados e saudamos as iniciativas realizadas!

Com esta publicação, espera-se que as práticas descritas possam inspirar e refletir outras práticas no cotidiano escolar, que visem garantir o direito à educação de todas e todos, em diferentes contextos e públicos, e o fortalecimento dos direitos humanos na educação escolar, que respeitem e contemplem as diferentes culturas e etnias, o enfrentamento aos preconceitos e às discriminações sociais, raciais, de gênero, sexualidade, econômicas, de nacionalidade e relacionadas à privação de liberdade, dentre outras, que podem perpassar o processo de escolarização.

Boa leitura!

Equipe NINC

SUMÁRIO

<i>Escola: um mosaico de diferentes cores e formas.....</i>	6
<i>novasatitudes.com: práticas escolares inovadoras no Ciclo I.....</i>	16
<i>Utilização de ferramenta pedagógica na contextualização da aprendizagem sobre espécies bioinvasoras na educação de jovens e adultos em privação de liberdade.....</i>	24
<i>Aula prática no ensino de química para jovens e adultos: ferramenta pedagógica na contextualização da aprendizagem sobre elementos químicos, ligações químicas e cinética química.....</i>	33
<i>Interação social: por uma escola aberta ao protagonismo estudantil e às diversidades culturais.....</i>	38
<i>10ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Mundo, na Diretoria de Ensino Sul 1.....</i>	42
<i>A abordagem da capoeira como ferramenta histórico-cultural das relações étnico-raciais na proposta curricular do 9º ano da rede oficial do Estado de São Paulo.....</i>	50
<i>“Projeto Paródias”, nas aulas de matemática em um centro de internação da Fundação CASA, vinculado à EE José Monteiro Boa Nova.....</i>	55
<i>A formação de professores no cárcere: curso de aperfeiçoamento em docência em regimes de privação de liberdade.....</i>	58
<i>Resiliência: trabalhando valores.....</i>	62
<i>Diálogos sociais no banco escolar: disparidade de gênero em uma perspectiva histórica.....</i>	69
<i>Universidade em “CASA”: direitos humanos, reflexões e práticas.....</i>	81

ARTIGO



ESCOLA: UM MOSAICO DE DIFERENTES CORES E FORMAS

Prof.^a Dirlaine Beatriz França de Souza, Prof.^a Durvalina Aparecida Martins Silva e Prof.^a Francielle Ferreira de Souza

Introdução

Existe um consenso, expresso em dados estatísticos, que ainda há grande massa de sujeitos que são segregados em pequenos grupos, sujeitos sem voz, invisíveis aos olhos de parte da sociedade e, é por isso, a necessidade de, cada vez mais, dar visibilidade a estas problemáticas as quais permeiam o contexto escolar e social. O que os docentes/escola realizam para ajudar a transformar o mundo? Para desalienar os alunos? Para libertá-los de valores impostos pela sociedade?

Diante do grau de complexidade do ensinar e do aprender no mundo moderno, onde estes são permeados por constantes mudanças, torna-se essencial refletir sobre a atual função da escola compreendida como espaço social, bem como, o papel do docente e a interferência de sua prática pedagógica de modo que possa intervir na formação do cidadão que se espera preparar às necessidades do século XXI.

RESUMO:

A escola possui papel formador na vida dos alunos e nela nota-se a grande heterogeneidade da sociedade brasileira. Socializar uma prática pedagógica significativa relacionada à diversidade, com ênfase às questões étnico-raciais, é intenção deste artigo. O Projeto “Qual é a tua?” foi desenvolvido pela professora que atua na disciplina de Filosofia, no âmbito da Escola Estadual Professor Akió Satoru, em Urânia/SP, Diretoria de Ensino Região de Jales. É um trabalho que envolveu 80 alunos do Ensino Médio diretamente e, indiretamente, os demais alunos da escola, entre outras pessoas. A intervenção metodológica, evidenciada na apresentação dos trabalhos e respostas da autoavaliação dos alunos, confirmou o potencial formativo-refletivo e dialógico do Projeto, visto que o mesmo focou no aluno enquanto protagonista e proporcionou efetivar, em partes, o princípio de alteridade ao aliar as teorias dos filósofos e sociólogos estudadas à prática.

PALAVRAS CHAVE:

Prática pedagógica. Diversidade. Relações étnico-raciais. Filosofia.

Ao considerar as diversas mudanças educacionais na atualidade, espera-se que a instituição escolar seja reflexiva, um lugar que rompa com estereótipos e promova reflexões acerca das trajetórias, da construção identitária e das diferenças, no intuito de propiciar naquela, um espaço, de fato, pluricultural, porque é um ambiente propício ao encontro de diversidade e é no diferente que nos enxergamos, nos compreendemos e nos constituímos enquanto humanos.

De acordo com a história de nosso país, em 1500, com a chegada dos portugueses no Brasil, iniciou-se o processo de miscigenação racial com a população indígena que já habitava na referida terra. Para Ribeiro (1995) o povo brasileiro é resultado de uma heterogênea miscigenação racial e cultural, de situações que foram, por muitas vezes, forçadas e é assim que “Surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e camponeses e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos” (RIBEIRO, 1995, p.19).

Diante do exposto, ao se refletir sobre a história da construção da identidade brasileira, nos remetemos também ao sistema educacional que se estrutura nas políticas públicas, fundamentadas nos direitos humanos. Para isso, não se pode desconsiderar a diversidade que está presente em todos os lugares, em especial, na realidade do contexto da escola pública. Nestas relações sociais existem os grupos étnico-raciais, a diversidade socioeconômica e cultural, as relações de gênero e diversidade sexual, os alunos com deficiências, entre outras

considerando as variantes das regiões existentes no Brasil. E, na tentativa de atender essa diversidade, pode-se destacar os movimentos afrodescendentes que muito contribuíram não somente para as discussões étnico-raciais, como também, colocaram à tona outras questões como, por exemplo, a de gênero, principalmente a misoginia, relacionada à aversão às mulheres.

Para contextualizar o estudo, a Escola Estadual Professor Akió Satoru está localizada no município de Urânia, que se encontra ao noroeste do Estado, próximo à divisa do Estado de Mato Grosso do Sul e, economicamente, sustenta-se de produção agrícola e pequenas empresas. É a única escola no município que atende aos segmentos de Ensino Fundamental (Anos Finais) e Ensino Médio, ainda, encontra-se jurisdicionada à Diretoria de Ensino Região de Jales e tem como missão, fundamentada em sua Proposta Pedagógica, a de “promover condições para o aluno aprender a aprender, visando uma formação integral, crítica e protagonista, dessa forma para que o mesmo seja capaz de intervir no meio em que vive e contribua para a formação de uma sociedade mais justa, inclusiva, ética e solidária”. Sendo assim, é com base nessa missão que todos os professores da referida unidade escolar trabalham, neste artigo, com destaque, à professora de Filosofia a qual traz uma proposta de socialização de sua prática pedagógica.

O trabalho, expresso por meio de um projeto, foi desenvolvido com três turmas da segunda série do ensino médio, ano de 2015, um total de 80 alunos diretamente e, indiretamente, os demais alunos da escola; ao todo

são 593 alunos, sendo 245 do Ensino Médio e 348 do Ensino Fundamental, ainda, contou com a colaboração de professores parceiros, equipe gestora, professora mediadora escolar comunitária (PMEC), entre outras pessoas da comunidade local.

De acordo com os dados do Censo, levantado por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010/2012), cabe apresentar que a cidade, fundada em 1950, tem aproximadamente 9.000 mil habitantes, sendo 1.402 rural e 7.435 urbana. Na pesquisa também comprova-se, no referido ano, que a taxa de abandono escolar precoce das pessoas brancas entre 18 a 24 anos é de 24,8%, sendo que a mesma faixa etária entre pessoas pretas ou pardas é de 41,9%, o que evidencia a diferença entre as etnias. Além do mais, quando o assunto é rendimento financeiro, há também discrepância nos valores, pois quando se analisa o resultado médio, considerando todos os trabalhos das pessoas brancas de 16 anos ou mais de idade ocupadas, a média do salário monetário chega a R\$ 1.213,99, ou seja, sendo superior ao das pessoas pretas ou pardas que não ultrapassa R\$1.028,99, com isso, evidenciando que há um preconceito velado. Embora seja uma cidade de porte pequeno, é importante a escola realizar um trabalho visando a valorização das diferentes identidades étnicas, de combate ao racismo, de tolerância e respeito às diferenças.

É nesse contexto que se insere o obje-

tivo do trabalho pedagógico da professora, considerando os conteúdos, competências e habilidades previstas no Currículo Oficial do Estado de São Paulo¹ de Filosofia, que buscou colocar o aluno como protagonista, efetivar o princípio de alteridade aliando a teoria estudada sobre os filósofos e sociólogos à prática. O modo como o Projeto foi planejado e desenvolvido será explanado, com riqueza de detalhes, no próximo tópico.

Por fim, é com esta responsabilidade social de exterminar situações discriminatórias no âmbito das escolas, que se instaura a Lei 10.639/03, a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio, a qual vem subsidiar o trabalho de gestores, professores, funcionários e alunos. Um trabalho a ser iniciado desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico, ao inserir ações coletivas e interdisciplinares voltada à educação consciente do processo histórico e principalmente antirracista.

[...] na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; [...].

(FREIRE, 2000, p.33).

¹ Na tentativa de nortear o trabalho docente nas escolas públicas, criou-se, no ano de 2008, no Estado de São Paulo, uma nova Proposta Curricular. Em 2009, a Proposta passou por algumas reformulações, via pesquisa *on-line* junto à rede de ensino, transformando-se em Currículo Oficial do Estado de São Paulo sendo dividido nas seguintes áreas: Linguagens, Humanas, Ciências da Natureza e Matemática, ou seja, um para cada área, com conteúdos, competências, habilidades previstas a cada ano e bimestre de cada disciplina.

Uma opção metodológica: Projeto - Qual é a tua?

Consciente de que não se ensina Filosofia e sim a filosofar, as pessoas não estão no mundo apenas como seres biológicos que se adaptam para sobrevivência, mas porque também necessitam e são seres racionais e autoconscientes de seu papel naquele. E essa consciência exige um compromisso com o outro e com o mundo (FREIRE, 2000). É com a proposta de transformação que surge o Projeto “Qual é a tua?” apresenta-se como um convite à autorreflexão, à ação, à tomada de consciência e à promoção da transformação pessoal e social.

O Projeto foi desenvolvido, pela primeira vez, no ano de 2014, após várias tentativas de adoção de uma prática pedagógica que tornasse as aulas de Filosofia mais significativas aos alunos da Unidade Escolar, quanto ao trabalho com o princípio de alteridade.

De acordo com o Currículo de Ciências Humanas e Suas Tecnologias, do Estado de São Paulo, a disciplina de Filosofia tem como objetivo “ampliar o significado e os objetivos sociais e culturais da educação”, nesse sentido é importante que os docentes “[...] proponham reflexões que permitam compreender melhor as relações histórico-sociais e, ao mesmo tempo, inserir o educando no universo subjetivo das representações simbólicas”. (SÃO PAULO, 2012, p.115)

Ao considerar os objetivos da Filosofia, o princípio de alteridade é contemplado nos Cadernos do Professor e do Aluno, volume 2, da 2ª série do Ensino Médio, por meio das qua-

tro primeiras situações de aprendizagem. No entanto, o Caderno do Professor orienta, metodologicamente, para o trabalho com aulas mais expositivas e atividades de reflexão sobre os conceitos filosóficos e sociológicos. Diante dessa orientação, a professora valorizando a sua autonomia, optou por modificar metodologicamente o trabalho proposto para o desenvolvimento do referido projeto.

Antes de o Projeto assumir a formatação que tem hoje, nas primeiras tentativas ao desenvolver a proposta do Caderno do Professor, a docente adotou, inicialmente, a prática do seminário em que os alunos pesquisavam sobre os filósofos abordados nas situações de aprendizagens e, em grupos, expunham o resultado da pesquisa à classe. *A priori* os resultados foram bons, os alunos demonstraram mais interesse pelas aulas e bons trabalhos foram feitos até que, no ano de 2014, um dos grupos que desenvolveu a temática Velhice, em Simone de Beauvoir, surpreendeu, pois além da pesquisa sobre a vida e pensamento desta filósofa, eles, por iniciativa própria, resolveram visitar o Lar dos Velhinhos da cidade para constatar as situações dos idosos e doar a estes, horas de alegria, carinho e atenção. Então, o diferencial foi o que trouxeram dessa visita, porque além de depoimentos e imagens que emocionaram a todos, vivenciaram uma lição de vida e respeito ao próximo, ou seja, conseguiram transpor à prática o conteúdo estudado.

Nesse contexto, emergiu uma nova estratégia metodológica que foi incorporada à prática da professora, ao concluir que somente estudar o pensamento dos filósofos não era o suficiente, por isso a necessidade de reproduzir

aquele protagonismo e compromisso social para com as próximas turmas, e assim nasceu o projeto “Qual é a tua?”. Dessa nova experiência, a professora compreendeu que se aprende a ser mestre na escola, no contato com o aluno, ou seja, “[...] Aprendemos convivendo, experimentando, sentindo e padecendo a com-vivência desse ofício”. (ARROYO, 2013, p.124).

Antes de apresentar as etapas do projeto, a professora, mediante a sua experiência com o material didático, a interlocução do Projeto Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e a valorização da autonomia metodológica que o currículo a assegura, articulou os conceitos associados aos respectivos eixos temáticos:

Filósofo ou Sociólogo	Eixos temáticos
Simone de Beauvoir	Velhice; Sobre o segundo sexo;
Jair Batista da Silva	Particularidade do racismo no Brasil;
Theodor Adorno	Educação e emancipação.

Fonte: SÃO PAULO, 2016; SÃO PAULO,

Nesse momento, é pertinente apresentar a Matriz de Avaliação Processual de Filosofia (2016), outro documento oficial do Estado, para exemplificar e situar o leitor deste artigo quanto aos conteúdos e habilidades previstas ao referido bimestre.

2ª série – 3º bimestre		
Conteúdos	Situações de Aprendizagem	Avaliação Processual/Habilidades
	Competência/habilidade	
Filosofia, Política e Ética <ul style="list-style-type: none"> • Humilhação, velhice e racismo • Homens e mulheres • Filosofia e educação 	<p>Situação de Aprendizagem 1 – O envelhecimento na sociedade contemporânea Habilidades: 1. Construir argumentação consistente e elaborar propostas para intervenção solidária na realidade, respeitando valores humanos. 2. Analisar a condição de envelhecimento na sociedade contemporânea.</p> <p>Situação de Aprendizagem 2 – Filosofia e racismo Habilidades: 1. Construir argumentação consistente sobre a superação de preconceitos. 2. Analisar a importância dos valores éticos na reflexão sobre racismo; reconhecer e questionar práticas racistas.</p> <p>Situação de Aprendizagem 3 – Filosofia e as relações de gênero Habilidades: 1. Construir argumentação consistente. 2. Analisar a importância dos valores éticos na reflexão sobre a condição da mulher e sobre semelhanças e diferenças entre homens e mulheres.</p> <p>Situação de Aprendizagem 4 – Filosofia e Educação Habilidades: 1. Construir argumentação consistente. 2. Analisar criticamente a própria experiência educacional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer argumentos consistentes sobre a superação de situações de discriminação e preconceito relacionadas à condição geracional, racial e de gênero. • Identificar, a partir de registros/relatos, práticas de racismo e discriminação. • Identificar, a partir de relatos e registros, estratégias consistentes para inclusão social e política. • Identificar em textos diversos como as políticas públicas concorrem para a consolidação da democracia. • Reconhecer, em argumentos da tradição filosófica, a importância da experiência educacional como forma de emancipação.

Ao considerar os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas no bimestre, da referida série, conforme apresentou o quadro, a docente organizou o desenvolvimento do Projeto em etapas, de modo a contemplar o que estava previsto às quatro situações de aprendizagens, porém modificando a estratégia metodológica, conforme apresentado anteriormente, a saber:

1ª) Apresentação do Projeto aos alunos e formação de grupos com até quatro componentes;
2ª) Escolha dos temas pelos alunos, divididos em: a) Velhice, b) Racismo, c) Diferença de Gênero- Mulher, d) Diferença de Gênero- Homossexualidade e e) Educação Especial. Nesta etapa, ainda foi definida a data de apresentação dos trabalhos;
3ª) Etapa de preparação do projeto com as seguintes orientações feitas aos alunos: Realize uma pesquisa complementar sobre o tema escolhido sobre como o mesmo é tratado no país, de modo a adquirir subsídios para identificar os diferentes pontos de vista, em seguida, elabore uma síntese para anexar ao relatório que será construído em etapas; Delimite o tema e defina o projeto com o grupo, bem como, a realidade a ser trabalhada e suprida/ atendida pelo projeto, pois é fundamental criar uma forma de intervenção social local que contemple um público alvo da temática e que se configure como uma contribuição para a construção de um mundo melhor; Prepare como se dará a mobilização de pessoas e os materiais a serem usados, mas não se esqueça de ir anotando e descrevendo as etapas realizadas que comporão o relatório; Ao final, cada grupo terá 15 minutos para apresentar os resultados do projeto ficando a critério do mesmo a escolha do formato e o instrumento que será usado para tanto (cartazes, slides, vídeo, áudio, depoimentos, entre outros). E, como registro final, cada aluno fará uma autoavaliação e participará da discussão acerca da apresentação dos outros grupos.
4ª) Execução prática do Projeto;
5ª) Momento de apresentação e avaliação dos projetos.

Quadro 1- Construído considerando a organização das etapas do Projeto “Qual é a tua?”

Rodrigues (1995), na luta por uma nova escola, define, no seu ponto de vista, qual é o papel do professor, e é o evidenciado no trabalho que a professora idealizou, planejou e propôs aos seus alunos, por compreendê-lo como relevante e significativo. Vejamos:

“O educador deve levar o aluno a compreender a realidade cultural, social e política, a fim de que se torne capaz de participar do processo de construção da sociedade. O educador deve levar o aluno a compreender e organizar sua experiência de vida, para que ele possa desenvolver a capacidade de criticar a realidade onde vive. O educador deve trabalhar no sentido de formar um cidadão consciente, crítico e participativo, ou seja, um “ser político”. Ser político é ser participante da polis, da vida social e cultural.”

(RODRIGUES, 1995, p.84)

Possibilitar que o aluno compreenda o seu meio, a realidade em que está inserido é papel função do educador, dessa forma, com a proposta do projeto, a professora conseguiu tornar o aluno protagonista juvenil para que o mesmo pudesse ter um início de atuação junto à sociedade ao qual encontra-se inserido, a partir do contexto local para o global. Além de tudo, tem como objetivo

possibilitar que o aluno compreenda o seu meio, a realidade em que está inserido é papel função do educador, dessa forma, com a proposta do projeto, a professora conseguiu tornar o aluno protagonista juvenil para que o mesmo pudesse ter um início de atuação junto à sociedade ao qual encontra-se inserido, a partir do contexto local para o global. Além de tudo, tem como objetivo torná-lo crítico, consciente e participativo ao valorizar e respeitar a diversidade e as especificidades relacionadas quanto: ao gênero, à raça/etnia, à orientação sexual, à religião, aos valores e outras diferenças. Para concluir, um Projeto que valoriza o potencial formativo-reflexivo, haja vista ter possibilitado a sistematização e a socialização das experiências individuais e coletivas construídas ao longo do Projeto.

Resultados

A escola possui papel formador na vida dos alunos e nela nota-se, conforme expresso anteriormente, a relação de etnias diversas, por isso é importante um trabalho para o reconhecimento e aceitação valorizando as trocas culturais entre aquelas. Dessa forma, entendemos que educar para igualdade, considerando a diversidade, pressupõe romper com estigmas e marcas de inferioridade, desvencilhar estereótipos e equívocos de qualquer grupo que seja, visto que, o educar com responsabilidade exige ampliar conhecimentos e criar condições para que todos possam promover sua construção identitária, como também, valorizar e atuar em sua própria realidade.

Com esta opção metodológica, foi possível, ainda, que em parte, porque os alunos puderam levantar informações, construir e solidificar conceitos, desconstruir alguns mitos, em especial, porque os possibilitou compreender na prática e criar mecanismos para se romper com a cristalização do racismo, das diversas formas de preconceito e da discriminação que ainda permeia os espaços escolares.

É por certo afirmar que um trabalho pontual com um Projeto, durante um bimestre, em uma única disciplina, não consegue reverter sozinho todo o preconceito que está dentro da escola e na sociedade, mas aquele contribui para preencher o vazio da desinformação, como também, corrigir a distorção de valores e destacar a escola como fonte de afirmação de identidades. Por isso é importante destacar o trabalho coletivo entre os professores, o diálogo entre as disciplinas ao se tratar dos Temas Transversais que estão no desenvolvimento do próprio currículo, em todas as áreas. Desde 2008, o trabalho com os temas não são mais estanques, pois são retomados a todo o momento, no movimento do currículo que segue em espiral.

A seguir, para melhor visualização, apresenta-se, em forma de quadro, a sistematização dos subprojetos que emergiram do Projeto “Qual é a tua?”, a partir das temáticas exploradas nos registros e autoavaliação realizada pelos alunos:

Temas / Local do desenvolvimento do Projeto / Pessoas envolvidas	Objetivos da Ação	Ação realizada	Socialização
Velhice Lar dos Velhinhos (idosos)	Refletir sobre a condição do idoso, a partir do estranhamento; Constatar as particularidades e necessidades específicas dessa fase, e assim, desenvolver o princípio de alteridade ao colocar-se no lugar do outro.	Arrecadação de produtos de limpeza, entrega dos mesmos e confraternização com os idosos	Fotos; Gravação de vídeos.
Racismo Escola (crianças de uma turma do Ensino Fundamental- Anos Iniciais) A escola atual (todos os alunos da escola).	Analisar o caráter social do racismo e evidenciar o pressuposto de que ninguém nasce racista.	Reflexão com as crianças sobre as diferentes nacionalidades, sem dar ênfase ao racismo; Pesquisa sobre com todos os alunos da escola sobre a preferência da boneca branca ou preta.	Gravação em vídeo; Tabulação dos dados apresentado em PPT.
Diferença de Gênero- Mulher Mulheres vítimas de violência	Compreender a dinâmica de ser mulher, bem como, as questões que contribuem para a violência das quais são vítimas; Contribuir para a informação e a conscientização por meio de um meio acessível.	Criação de um blog pelos alunos para orientar mulheres vítimas de violência.	Blog
Diferença de Gênero Homossexualidade Escola (crianças de uma turma do Ensino Fundamental- Anos Iniciais) A escola atual (todos os alunos da escola).	Causar choque e estranhamento diante de uma realidade de diversidade; Propor meios para a superação da intolerância de gênero	Solicitação de desenho das crianças sobre a representação da própria família para as mesmas; Reprodução de desenhos em formato de cartazes da artista Carol Rosseti.	Power point para apresentar e analisar os desenhos; Cartazes que foram afixados em diversos espaços da escola
Educação especial A escola atual (alunos da Sala de Recursos); APAE da cidade de Jales (uma turma de alunos)	Propiciar o contato e o estranhamento de uma realidade que apesar de comum, não se faz presente a todos os alunos; Conhecer a dinâmica do Atendimento Educacional Especializado e propiciar, por meio da informação, a superação de práticas excludentes e discriminatórias.	Entrevista com os alunos da Sala de Recursos, ainda os membros do grupo passaram uma tarde com os alunos; Visita aos alunos e passaram uma tarde com os alunos.	Vídeo e fotos

Quadro 2- Construído considerando os registros do Projeto e a autoavaliação realizada pelos alunos

Depois da sistematização dos projetos, em discussão quanto aos resultados alcançados, considerando as respostas da auto avaliação dos alunos, composta por oito questões abertas, foi possível registrar alguns aspectos relevantes, com destaque, à temática racismo, sobre as concepções iniciais e posteriores, além da reflexão propiciada:

No meu ponto de vista, depois dos estudos, eu cheguei à conclusão de que ninguém nasce racista. Com o trabalho, modifiquei a minha forma de ver o racismo e o quanto podemos contribuir para a mudança das pessoas.

(Aluno 02)

Mudou o meu conceito de racismo, pois agora eu sei que o desenvolvimento de alguém pode ser muito influenciado por outras pessoas, o meio, a sociedade.

(Aluno 01)

Estudar os filósofos nos possibilitou enxergar uma filosofia de vida em que incorpora a índole das pessoas, suas origens e o uso da razão. Desse modo, pude perceber que não é a personalidade da pessoa que gera o racismo, mas a influência do meio.

(Aluno 03)

Desenvolver o Projeto provou, a mim e ao grupo, que o racismo vem, em partes, da família do indivíduo, o que pode ser evidenciado com o trabalho junto às crianças.

(Aluno 04)

O trabalho de pesquisa mostrou que a realidade era ao contrário daquilo que imaginávamos inicialmente, da hipótese que tínhamos, as crianças não nascem racistas, mas, considerando o contexto em que vive, ela pode tornar-se.

(Aluno 05)

De acordo com as respostas da autoavaliação dos alunos, compreendeu-se que os alunos tinham uma visão equivocada quanto ao racismo que pôde ser ajustada com o Projeto “Qual é a tua?”, proposto pela professora de Filosofia. Segundo Silva (2005), o trabalho nessa temática é relevante quando:

A desconstrução da ideologia abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/ etnias, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade.

Corrigir o estigma da desigualdade atribuído às diferenças constitui-se em tarefa de todos e já são numerosos os que contribuem para atingir esse objetivo.

(SILVA, 2005, p.33).

Com o trabalho, a docente conseguiu atingir o objetivo de estimular intervenções individuais e coletivas contra a alienação e atitudes preconceituosas, como também, o de desenvolver uma educação com foco nas relações étnico-raciais e direitos humanos. A mesma propôs uma correção do estigma da desigualdade que são atribuídos às diferenças étnicas e culturais.

É óbvio que um projeto não irá erradicar o preconceito do cotidiano escolar, tampouco da vida dos alunos, mas, ao associar a teoria à prática, contribuiu para que estes e a escola como um todo pudessem repensar a temática como transversal que precisa permear to-

das as disciplinas, bem como, o dia-a-dia da sala de aula.

Considerações Finais

Trabalhar os diferentes conceitos filosóficos e sociológicos que envolvem os de racismo, preconceito e discriminação, por meio de situações do cotidiano, podem subsidiar os estudantes negros(as) e não-negros(as) a respeitarem a si, mutuamente e àqueles com quem convivem, ainda, criar condições para a construção pessoal e coletiva da autoestima e de práticas político-pedagógicas capazes de conceber e dar consistência a uma educação antirracista e igualitária.

Os alunos participantes do Projeto mostraram-se comprometidos com todas as temáticas, embora, para este artigo, tenha selecionado como maior destaque, a questão das relações étnico-raciais, visto que os mesmos construíram conhecimento que extrapolaram o espaço da sala de aula, como também, à escola, ao fazerem uma transposição da teoria à prática. Um estudo que valorizou o currículo e possibilitou, nos diversos subprojetos, a promoção do amor e respeito a si e ao próximo, nesse sentido, fazendo dos alunos pessoas melhores para conviverem em sociedade.

Por outro lado, não se poder ter um pensamento ingênuo, porque ainda há muito o que fazer, problemas da desigualdade social enfrentados pelos brasileiros e da falsa democracia racial atrelada ao racismo, não são desafios exclusivos da Educação, muito menos dos professores de História ou Filosofia, é um obstáculo que deve ser enfrentado por todas as

entidades sociais com o objetivo de construir uma nação igualitária capaz de praticar intensamente o princípio da alteridade e do respeito mútuo.

A escola não luta sozinha, mas apresenta um grande potencial de meios e recursos para que o aluno possa, de fato e efetivamente, conhecer suas origens e se reconheça como verdadeiro brasileiro que é constituído por diversas etnias.

Por fim, pode-se concluir, por tudo que fora exposto, a escola é um mosaico que agrega e se constitui de diferentes cores e formas.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 40ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MOURA, Gloria. O direito à diferença. In: KABENGELE, Munanga (Org.) *Superando o racismo na escola*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- RIBEIRO, Darcy (1995) *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, N. *Por uma nova escola-transitório e permanente na educação*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- SÃO PAULO. *Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias* /Secretaria da Educação. São Paulo: SEE, 2012.
- SÃO PAULO, (Estado) Secretaria da Educação. *Matriz de avaliação processual: filosofia e sociologia, ciências humanas*; Secretaria da Educação. São Paulo: SE, 2016.
- SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: KABENGELE, Munanga (Org.) *Superando o racismo na escola*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RELATO



NOVAS ATITUDES.COM: PRÁTICAS ESCOLARES INOVADORAS NO CICLO I

Prof.^a Cláudia Nobre Marques Ortolan e Prof.^a Maristela Coccia M. de Souza¹

A EE Prof. Rosina Frazatto dos Santos é uma escola de Ensino Fundamental - Anos Iniciais - localizada no bairro Satélite Íris, região noroeste de Campinas constituída por alunos provenientes de uma região de alta vulnerabilidade social e de risco. As famílias destes alunos são oriundas das mais diversas regiões do país e trazem consigo culturas e costumes característicos.

Ainda que a escola esteja em um território marcado pela irregularidade fundiária e ocupação de área pública de forma desordenada com ausência de infraestrutura e saneamento básico, existe na região várias instituições que juntam esforços para a prevenção de situações de risco e por meio de projetos sociais resgatam o fortalecimento de vínculos culturais, familiares e comunitários com a finalidade de efetivar os direitos e escolarizar crianças e adolescentes. Neste sentido, o artigo apresentará um relato de

RESUMO

Relatar a trajetória de construções coletivas para o desenvolvimento de práticas escolares contra o racismo e preconceitos étnico-raciais desenvolvidos em uma unidade escolar do Ensino Fundamental Anos Iniciais na cidade de Campinas/SP, com a participação de 350 alunos, e um trabalho em rede e com os diversos equipamentos sociais do território, no intuito de gerar uma ação compartilhada, emancipatória, inter-setorial e inovadora para o processo de escolarização dos alunos da Diretoria de Ensino Região Campinas Oeste.

SOBRE AS AUTORAS:

Cláudia Nobre Marques Ortolan é Professora efetiva desde 2006 e Professora Coordenadora desde 2007. Formada em Pedagogia pela Uniararas, com pós-graduação em novas tecnologias aplicadas à Educação pela Unicamp, 2010.

Maristela Coccia Moreira de Souza é Professora efetiva de História desde 2002, Mestre em História/UNESP e Especialista/UNICAMP, atua como Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico (PCNP de História) na Diretoria de Ensino Região Campinas Oeste e interlocutora dos temas transversais: Educação para Relações Étnico-Raciais e Diversidade Sexual e de Gênero.

¹ Instituições envolvidas: Casa Hosana (ONG), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Florence, CRAS Satélite Íris), PROGEN (ONG Projeto Gente Nova), CEASCON (ONG), Secretaria Municipal de Cultura, comunidade local e Centro de Cultura Fazenda Roseira.

de uma prática escolar constituída a partir da intersetorialidade pontualmente planejada, organizada e desenvolvida por várias instituições em que a escola foi um elemento importante para favorecer a articulação da rede especialmente ao participar para a construção de um projeto em comum: o *NovasAtitudes.Com*.

Elaborada em 2007 por uma equipe intersetorial, o projeto ganhou da Professora Coordenadora Cláudia Nobre M. Ortolan, da EE Prof. Rosina Frazatto dos Santos, o nome *NovasAtitudes.Com* porque visava propiciar várias estratégias para o exercício da cidadania emancipatória², no sentido de unir novas atitudes, colaboração comunitária em rede, protagonismo estudantil e o uso da educomunicação. A proposta de alavancar uma convivência comunitária por meio de ações integradas entre os parceiros foi regida a partir de um viés cultural sem perder o foco da prevenção, com a realização de formações e oficinas distribuídas em quatro temáticas: gênero, exploração sexual da criança, meio ambiente e consciência negra, tema que entrou na agenda da rede setorial em 2011. Para este artigo, focaremos as ações desenvolvidas em 2016, no eixo temático “consciência negra” no qual a escola oportunizou práticas escolares para ampliar os conceitos de cultura, cidadania e inclusão, uma vez que o tema está contemplado no seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) de modo que a operacionalização contou com toda comunidade escolar (professores, funcionários, gestores e alunado) que se comprometeram com o projeto e sentiram-se autores e protagonistas para o

seu desenvolvimento.

DIAGNÓSTICO

A escolha da temática étnico-racial pelos gestores partiu de um diagnóstico que assustou a equipe e toda a comunidade escolar: o insistente indício de preconceito racial entre os alunos e pais. Observou-se as várias falas de estudantes que, ao se identificarem como negros, comentavam que “pega mal” se autorreferir quanto à etnia. Este panorama de negação étnico-racial moveu um processo de reflexão e de discussão do problema. Coletivamente a equipe gestora ampliou o tema vinculado ao projeto *NovaAtitudes.com*, a fim de superar as dificuldades de identidade como também promover um enfrentamento de todas as formas de preconceitos raciais existentes nas falas dentro do âmbito escolar dos alunos. O movimento metodológico escolhido foi incentivar o exercício da participação e compartilhamento de responsabilidades por meio do projeto *NovasAtitudes.Com*. Esta metodologia colaborativa para a desconstrução de estereótipos negativos do negro se tornava mais adequado para o alunado apreender os princípios de igualdade e solidariedade expressos no PPP desta escola.

FORMAÇÃO DOCENTE E A CONSTRUÇÃO COLETIVA

Com foco no Currículo dos Anos Iniciais do estado de São Paulo e os elementos que gravitam em torno das expectativas de aprendi-

² Sobre a relação da cidadania, sujeito, comunidade e a valorização de processos coletivos, ver: MENDONÇA, 2007, pp. 41-42.

zagem (Bräkling, 2013), cujo foco está na construção do conhecimento dentre os quais: as práticas de leitura e produção de textos escritos e também com a aplicação da educomunicação. A escola buscou transformar a discriminação racial reproduzidas pelos alunos em vários momentos de reflexão e ação educativa.

no lugar do outro, manifestado pelas narrativas literárias e pela construção do conhecimento, proporciona um deslocamento conceitual que acessa outro ponto de vista, proporcionando ampliar o seu repertório tanto do corpo docente como do discente e ativar as capacidades cognitivas e sociais (Arendt, 2007). Para esta apro-



Foto 1: Casa de Cultura Fazenda Roseira / Cláudia Ortolan

O percurso trilhado, seguindo os passos da metodologia do *NovasAtitudes.com*, introduzido com a formação docente e a realização de oficinas, encerrando com o cortejo, iniciou com a seleção de conteúdos que dialogassem com a temática étnica-racial em consonância com a Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece o resgate da contribuição do povo negro, reconhecendo o valor e a diversidade da herança cultural dos africanos e afrodescendentes. O recorte temático proporciona ao aluno compreender que a condição humana se faz pela ação do sujeito, pois ao se colocar

ximação (Foto 1), foi realizado uma formação cultural com professoras na Casa de Cultura Fazenda Roseira³, um quilombo urbano dentro da área de Campinas, com o tema **Ruas negras em Campinas: nossos passos vêm de muito longe** com o objetivo de apresentar a história de ruas e praças, com nomes de personalidades negras para valorizar seus feitos, suas contribuições como mão-de-obra escravizada para a construção da cidade e com o propósito em enriquecer, para quem ouvia os relatos, os feitos históricos e culturais do povo negro

³ Sobre a Casa de Cultura Fazenda Roseira ver: <https://comunidadejogoditoribeiro.wordpress.com/> Acesso 17/10/2017.

em Campinas, com a finalidade de contribuir para a formação e bagagem cultural das docentes.

Após esta primeira organização e aproximação com o tema e os diagnósticos iniciais realizados em outubro de 2016, formalizou-se as formações em ATPC e nas salas de aula de modo simultâneo, semanal e planejado até novembro de 2016. Portanto, ao mesmo tempo em que se realizava uma formação pedagógica colaborativa, logo em seguida era aplicado (o que era aplicado) nas salas de aula, respeitan-

personalidade didática”. Apesar do corpo docente ser majoritariamente formado por professoras, o projeto contou também com a participação da Professora de Educação Física e com o Professor Mediador Comunitário Escolar (PMEC). Deve-se salientar que o grupo era composto por diferentes culturas e religiosidades e algumas professoras encaravam inicialmente o projeto com uma dose de desconfiança, pois acharam que teriam que abordar a religiosidade afro-brasileira. Daí a importância da formação dos docentes para desconstruir con-



Foto 2: Cartazes e produções artísticas / Cláudia Ortolan

do as escolhas e práticas do professor que, segundo a PC Cláudia, cada um “imprimia sua

cepções distorcidas no intuito de ampliar o repertório cultural destes docentes. Em seguida,

⁴ ALMEIDA, Thereza de; ALMEIDA, Joaquim de. **José Moçambique e a capoeira**. SP: Companhia das Letras, 2007. ASSUMPTÃO, Adyr. **Caminhos da África**. MG: Ed. Dimensão, s/d. BARBOSA, Rogério Andrade. **Irmãos Zulus**. SP: Ed. Saraiva, 2006. BARBOSA, Rogério Andrade. **Os gêmeos do tambor (reconto do povo massai)**. SP: Ed. Saraiva, 2006. BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. SP: IBEP, 2012. GENDRIN, Catherine; CORVAISIER, Laurent. **Volta ao Mundo dos Contos nas Asas de um Pássaro**. SP: Edições SM, 2007. JADEZWENI, Mhlobo. **Grande Assim**. SP: Peirópolis, 2010. LOPEZ, Merce. **O Menino Que Comia Lagartos**. SP: Edições SM, 2011. MATÉ. **Krokô e Galinhola**. SP: Brinque Book, 2008. SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Lendas do Brasil em versos de cordel**. RJ: Rovelle, 2015. XAVIER, Marcelo. **Mitos. O folclore do Mestre André**. SP: Ed. Saraiva, 1997.

para a construção de narrativas literárias, foi escolhido uma série de livros paradidáticos como apoio para o letramento dos alunos e contemplando a Lei nº10.639/03. Apresentados durante as ATPCs os materiais para serem utilizados durante as aulas do 1ª aos 5º anos, aproximando os alunos ao tema com o uso de duas modalidades didáticas diferentes para a leitura e letramento: a leitura em voz alta e leitura compartilhada pelas professoras. Paralelamente as atividades envolveram cartazes (Foto 2), confecção de bonecas abayomi (Foto 3), varais literários, o torço e rodas de conversas.

ção. Além disso, favorecia ao aluno a audição e oportunizava a liberdade de interpretar o que ouvia. Um dos livros “falados” na “Rádio Rosina” foi o “**O Cabelo de Lelê** (2012), sob a batuta pedagógica da PC Cláudia Ortolan.

FINALIZAÇÃO

A culminância da construção do conhecimento aconteceu com o cortejo no dia 17 de novembro de 2016, envolvendo os alunos e a rede intersetorial (Casa Hosana, Creche Coração de Maria, Progen, CRAS, Creche Ceas-



Foto 3: atividades dos alunos do 1º ano / Cláudia Ortolan

Paralelamente recorria-se à Educomunicação, um recurso em que as mídias se colocam a serviço da Educação. O uso desse recurso se fez por meio da linguagem radiofônica porque a escola possui uma estação de rádio, com caixas de som em todas as salas de aula, e por ser um instrumento que possibilita o entendimento da mensagem e estimula a imagina-

ção. O cortejo fez um percurso percorrendo todas instituições envolvidas e dando visibilidade ao projeto dentro do território do bairro. Houve a apresentação da percussão dos adolescentes do PROGEN, que são os alunos da escola que frequentam a ONG no contra-turmo (foto 5), dança (hip-hop e ballet/Casa Hosana), apresentação de dança das alunas com o torço

(foto 6) e finalização com a participação de todos os alunos com a música *Mama África*, do músico Chico Cesar.



Foto 4: uso do rádio pelas alunas / Cláudia Ortolan



Foto 5: cortejo até a escola / Cláudia Ortolan



Foto 6: apresentação das alunas com os torços / Cláudia Ortolan

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio para desenvolver este trabalho de combate ao racismo foi enfrentar inicialmente a resistência do corpo docente e funcionárias da escola para conhecer e participar da formação na Casa de Cultura Fazenda Roseira, pois uma maioria associava o espaço a práticas religiosas afro-brasileiras. Após diálogo e esclarecimentos por parte da equipe gestora, a comunidade escolar rendeu-se e, em 2016, todos participaram da formação cultural no espaço de cultura, inclusive refletindo na melhoria da prática das professoras, sempre acompanhadas e sob a supervisão da Professora Coordenadora Cláudia Nobre Marques Ortolan.

Outro aspecto importante notado pela equipe gestora foi a mudança de comportamento das alunas no cotidiano escolar. Com ênfase à valorização do cabelo crespo durante o projeto, observou-se a diminuição das “chapinhas” à que as alunas frequentemente recorriam, de-

monstrando progressivamente a incorporação da beleza estética negra e a aceitação dos crespos, aprofundando a valorização da identidade negra e do poder feminino pois, com certeza, a intervenção educativa se fez também dentro da vivência familiar destas meninas e adolescentes.

O projeto alcançou seus objetivos por enfatizar a questão identitária por meio de ações educativas que ressignificaram a etnicidade dos estudantes que, por sua vez, demonstraram e se aceitaram seus laços de pertencimento cultural afro-brasileiro. E isto também ocorreu com as funcionárias da escola, que soltaram suas madeixas crespas.

Finalizamos este artigo com os relatos de duas alunas: a Vitória, 10 anos, que estava no 4º ano em 2016, comentou que ter participado do projeto, segundo ela, “foi muito divertido porque a gente trabalhou junto, se interagiu para conscientizar e parar de fazer racismo”. E Jackeline, 10 anos, também comentou que “foi

experiente para a nossa vida. A maioria dos cartazes era sobre o respeito entre as pessoas. A minha mãe que é negra achou muito bom!”

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. RJ: Forense Universitário, 2007.

Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRÄKLING, Kátia Lomba. **Orientações didáticas fundamentais sobre as expectativas de aprendizagem de Língua Portuguesa**. SP: SEE/CGEB, 2013.

MENDONÇA, Valquíria Lúcia Melo de. *Produção de Subjetividade e Exercício de Cidadania: Efeitos da Prática em Psicologia Comunitária. Pesquisas e Práticas Psicossociais*. MG: São João del-Rei, mar./ag., 2007.

Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

ARTIGO



UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA CONTEXTUALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM SOBRE ESPÉCIES BIOINVASORAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Prof. Marcel Ricardo da Silva, Prof.^a Andréa Meiado Chiarioni e Prof.^a Élide Regina Tegon

O processo de expansão e globalização, associado à intensificação e à velocidade do deslocamento humano contribuiu, para a quebra de barreiras ecológicas e conseqüentemente o aumento expressivo da introdução de espécies bioinvasoras exóticas no meio ambiente (MACHADO, OLIVEIRA, 2009).

A Unidade 1 (um) do material CEEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos) na disciplina de Biologia (Interdependência dos Seres Vivos) propõe como atividade complementar o debate sobre as espécies bioinvasoras no meio ambiente.

Espécie bioinvasora é toda espécie que se encontra fora de sua área de distribuição natural. Essencialmente aquela que ameaça ecossistemas, habitats e demais espécies. Os bioinvasores por suas vantagens competitivas e favorecidas pela ausência de inimigos naturais têm capacidade de se proliferar e invadir

RESUMO

O artigo tem como objetivo demonstrar através de exposição de banner informativo, a bioinvasão do mexilhão dourado, *Limnoperna fortunei* (Dunker, 1857), na cidade de Araçatuba/SP como atividade complementar proposta no material do CEEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos) na disciplina de Biologia (Unidade 1 – Interdependência dos Seres Vivos), aos discentes do ensino médio (1º Termo) na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Centro de Progressão Penitenciária (CPP) da cidade de Valparaíso/SP. O objetivo da aula foi utilizar os dados coletados sobre a bioinvasão do mexilhão dourado para contextualizar a aprendizagem sobre o desequilíbrio ecológico causado por espécies bioinvasoras no ambiente. Os discentes puderam compreender de forma abrangente a dinâmica das espécies e a importância da conscientização ambiental para a preservação do ecossistema do planeta.

PALAVRAS-CHAVE

Espécies bioinvasoras, Mexilhão dourado, Ferramenta pedagógica.

ecossistemas, sejam eles naturais ou antropizados (MMA, 2010).

Os ambientes perdem suas características em relação à biodiversidade local. Tais alterações são exemplificadas pelas modificações dos ciclos hídricos e de nutrientes, da produtividade e da cadeia trófica (MMA, 2011).

O mexilhão dourado *Limnoperna fortunei* (Dunker, 1857) é uma espécie bioinvasora oriunda da China. Introduzido na América do Sul, através de água de lastragem, onde navios cargueiros trouxeram larvas desse espécime de forma acidental para as águas sul-americanas. Entre os impactos causados pelo mexilhão dourado, destacam-se os efeitos sobre competição por nutrientes com outros animais filtradores nativos, diminuição da biomassa fitoplanctônica e da turbidez, que levam ao aumento das macrófitas aquáticas (VON RÜCKERT *et al.*, 2004).

Objetivo Geral: Levantar dados referentes à bioinvasão do mexilhão dourado referentes aos impactos causados ao meio ambiente e estudos bibliográficos que foram realizadas sobre o tema entre os anos de 2010 até 2015 na região de Araçatuba no Estado de São Paulo.

Objetivo Específico: Utilizar os dados coletados sobre a bioinvasão do mexilhão dourado na região de Araçatuba/SP e através de ferramenta pedagógica em forma de banner ilustrativo, promover a educação e conscientização ambiental aos discentes do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), do ensino médio (1º Termo) do Centro de Progressão Penitenciária (CPP) de Valparaíso/SP.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

A prática educacional foi realizada no Centro de Progressão Penitenciária (CPP) localizada na cidade de Valparaíso no Estado de São Paulo com o apoio da escola vinculadora “Escola Estadual Vicente Barbosa”.

A Diretoria de Ensino de Araçatuba através da equipe de Professores Coordenadores de Núcleo Pedagógico (PCNP) disponibilizou todo o incentivo para realizar as aulas utilizando ferramentas pedagógicas, principalmente nas orientações técnicas (O.T) com a mediação das PCNP's Dorislei Aparecida Teixeira de Carvalho (Ciências), Airton Miranda Pinto Júnior (Biologia) e Ângela Maria de Oliveira Barbosa Nunes (Química).

As equipes de trabalho envolvidas foram o docente Marcel Ricardo da Silva (Química/Ciências/Biologia) para acompanhar e mediar à realização da aula expositiva através de ferramenta pedagógica ilustrativa (banner). O apoio à pesquisa dos materiais para a estrutura do banner como ferramenta pedagógica, contou com a colaboração da docente Andréa Meiado Chiarioni (Química/Ciências). As coordenadoras pedagógicas Sônia Maria Lacerda e Angela Cristina Amorin da Silva, além da Diretora Creuza de Fátima Ervolino da escola vinculadora “Escola Estadual Vicente Barbosa” colaboraram no apoio e orientações para a prática de aprendizagem.

O apoio e estrutura para a realização da situação de aprendizagem na Unidade de Ensino contou com o apoio e autorização do Senhor Diretor de Educação e Trabalho do Centro de Progressão Penitenciária (CPP) Pe-

dro Valmir Berssane, o Diretor de Segurança Antônio Donizete Ferreira e a coordenadora de Educação e Trabalho Élide Regina Tegen.

Os demais docentes da vinculadora “Escola Estadual Vicente Barbosa” foram fundamentais para apoiar em suas respectivas disciplinas, subsídios para complementar os estudos dos discentes no entendimento da aula realizada.

METODOLOGIA

A metodologia empregada foi à coleta de dados *in loco* e levantamento bibliográfico sobre a proliferação do mexilhão dourado na cidade e região de Araçatuba entre os anos de 2010 até 2015.

O mexilhão dourado (*Limnoperna fortunei*) foi primeiramente observado em agosto de 2010 até os últimos noticiários e estudos sobre o molusco em novembro de 2015. Com as informações coletadas sobre o mexilhão dourado, foi estruturado um banner ilustrativo para ser utilizado na aula de Biologia para contextualizar as ações da educação ambiental aos discentes do ensino médio (1º Termo) do Centro de Progressão Penitenciária (CPP) da cidade de Valparaíso/SP.

Segundo (Mansur, 2003) o mexilhão dourado formam grandes colônias conhecido como *macrofouling* (macrofaunas), chegando a populações de 100.000 a 140.000•m⁻² de indivíduos.

Sua constituição corpórea tem como característica, duas conchas ligadas entre si pelo dorso (bivalve), protegendo o seu corpo e

sua coloração varia entre verde brilhante e parte marrom amarelado (PASTORINO *et al.*, 1993).

A figura 1 mostra a estrutura do mexilhão dourado na fase adulta com e sem a proteção das conchas bivalves



Figura 1: mexilhão dourado com a proteção da concha bivalve (inferior) e sem a concha bivalve (superior). Fonte: Silva, 2010

O levantamento de dados sobre o mexilhão dourado como demonstra a figura 2, começou com a proliferação do mexilhão dourado em plataforma flutuante localizada no *Yacht Club* Araçatuba sobre as águas do rio Tietê.

A figura 3 mostra a estrutura do Estaleiro Rio Tietê, em Araçatuba/SP, utilizado para o transporte hidroviário de etanol, em que sua estrutura submersa, após parada para manutenção apresentou *macrofouling* de mexilhão dourado em toda a sua extensão.

Nas regiões próximas ao rio Tietê é possível encontrar *macrofouling* de mexilhão dourado imersos em substratos, até mesmo utilizando macrófitas aquáticas na competição por espaço no meio ambiente. A figura 4 mostra a interação do mexilhão dourado com macrófitas aquáticas.

A figura 5 mostra um carro que estava submerso nas águas do rio Tietê, após um período de longa estiagem em 2014 apresentava colônias de Mexilhão dourado em sua estrutura interna e externa.

O mexilhão dourado compromete os criadouros de peixes da região de Araçatuba/ SP. O molusco utiliza as redes dos tanques como substrato, prejudicando o desenvolvimento e o crescimento dos peixes.



Figura 2: plataforma flutuante e a proliferação do mexilhão dourado em sua estrutura. Fonte: arquivo pessoal



Figura 3: Macrofouling de mexilhão dourado em estrutura do Estaleiro do rio Tietê na região de Araçatuba / SP. Fonte: Chiarioni et al. (2011)



Figura 4: Macrofouling de mexilhão utilizando macrófitas aquáticas como substrato no rio Tietê na região de Araçatuba / SP. Fonte: Folha da Região (2012).



Figura 5: Macrofouling de mexilhão dourado em veículo imerso no rio Tietê na região de Araçatuba / SP. Fonte: G1 (2014).

A figura 6 mostra as redes dos tanques com colônias do mexilhão dourado.

Um grupo de trabalho formado para solucionar a invasão do mexilhão-dourado no reservatório de Ilha Solteira, na região de Araçatuba, classificou como impossível a erradicação da espécie. Os especialistas decidiram que os esforços se voltarão para evitar que o molusco se espalhe para os demais rios do país.

A figura 7 mostra o mexilhão dourado sendo alvo de questionamentos do Ministério Público que em 2012 entrou com ações civis públicas relacionadas às usinas hidrelétricas de

Ilha Solteira e Água Vermelha, solicitando medidas para a erradicação do mexilhão dourado.

Com as informações coletadas foi estruturado um banner informativo para ser utilizada na sala de aula sobre os bioinvasores na natureza, proposta na situação de aprendizagem aos discentes. Como não é autorizada a entrada de equipamentos eletrônicos no Centro de Progressão Penitenciária, o banner ilustrativo como ferramenta pedagógica foi à estratégia para promover a educação ambiental aos discentes. A figura 8 mostra a estrutura do banner utilizado na aula de bioinvasores, em especial o



Figura 6: Colônias de mexilhão dourado em redes nos tanques de criadouros de peixes no rio Tietê na região de Araçatuba / SP. Fonte: G1 (2014).



Figura 7: A proliferação do mexilhão dourado sendo alvo de questionamento pelo Ministério Público nas usinas hidrelétricas. Fonte: Folha da Região (2015).

mexilhão dourado.

A estrutura do banner apresenta imagens para educar os discentes de forma a repensarem suas ações e propagar os ensinamentos para a comunidade em que estão inseridos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A figura 9 mostra o momento inicial da aula expositiva aos discentes com a utilização do banner para a introdução do assunto dos bioinvasores na natureza em particular sobre o mexilhão dourado.

MEXILHAO DOURADO NA REGIÃO DE ARAÇATUBA/SP

CHIARIONI, A. M.; SILVA, M. R.

Introdução

O mexilhão dourado *Limnoperna fortunei* (Ducker, 1857), oriundo de países asiáticos, foi introduzido na América do Sul, especificamente na Argentina, através de água de lastro de navios. Estudos apontam a dispersão através de malha hidroviária Punta-Tucos a uma velocidade aproximada de 240 km/ano. Os principais impactos causados por este molusco invasor no novo ambiente são: competição por nutrientes com outros animais filtradores nativos e diminuição da turbidez da água, que leva à proliferação de macrofitas aquáticas, e provocam o desequilíbrio na fauna e flora local com consequente perda da biodiversidade aquática. As usinas hidroelétricas têm sofrido as consequências da bioinvasão, sendo os principais danos empilhamento de tubulações, filtros, trocadores de calor e gastos com mão-de-obra na limpeza. A pesquisa resultou em 2 trabalhos, o primeiro objetivando avaliar a viabilidade da utilização da vinhaça enriquecida com resíduo moído de mexilhão dourado para reposição de macro e micronutrientes em solo cultivado sob orientação da Profa. Dra. Sandra Maria de Melo, e o segundo avaliando o potencial como corretivo da acidez em solos com cultivo de cana-de-açúcar sob orientação da Profa. Dra. Sandra Maria de Melo e coorientação do Prof. Ms. Sérgio Ricardo Lima Negro.



Foto 1: Detritus de mexilhões dourados



Foto 2: Proteção da semente (feijão) com a casca lavada (açúcar)



Foto 3: Fase de construção do prateador de mexilhão dourado



Foto 4: Fase de construção da semente



Foto 5: Vista da localidade da cidade de Araçatuba/SP



Foto 6: Colônia parcialmente submersa



Foto 7: Coleta manual



Foto 8: Amostra coletada



Foto 9: Mexilhão dourado no prateador



Foto 10: Desturbação



Foto 11: Moagem



Foto 12: Mexilhão dourado moído



Foto 13: Trituração



Foto 14: Produto final

Parâmetros	Valores obtidos	Parâmetros	Valores obtidos
H ⁺ (cmol/dm ³)	3,33	Urbididade	3,13%
Al ³⁺ (cmol/dm ³)	0,00	% de matéria perdida ao passar 10 (ABNT)	100%
Ca ²⁺ (cmol/dm ³)	2,00	% de matéria perdida ao passar 20 (ABNT)	100%
Mg ²⁺ (cmol/dm ³)	1,20	% de matéria perdida ao passar 40 (ABNT)	92,7%
P (mg/dm ³)	0,98	RI (Resíduo de partícula)	82,91%
K (g/dm ³)	12,89	PN (Poder de neutralização)	55,58%
pH (0-14)	6,25	PRNT (Poder relativo de neutralização total)	45,70%
Fe (mg/dm ³)	147,00	CaO (Óxido de Cálcio)	38,20%
Cu (mg/dm ³)	0,72	MgO (Óxido de Magnésio)	8,17%
Manganês (mg/dm ³)	124,00	Tipos de Cálcio	Cálcio
Zinco (mg/dm ³)	2,08	Classificação de Cálcio	Tipo A
Boro (mg/dm ³)	0,27		

Tabela 1: Composição físico-química do solo com vinhaça 150cm³/ha⁻¹ e resíduo de mexilhão 200 kg/ha⁻¹

Parâmetros	Valores obtidos
Urbididade	3,13%
% de matéria perdida ao passar 10 (ABNT)	100%
% de matéria perdida ao passar 20 (ABNT)	100%
% de matéria perdida ao passar 40 (ABNT)	92,7%
RI (Resíduo de partícula)	82,91%
PN (Poder de neutralização)	55,58%
PRNT (Poder relativo de neutralização total)	45,70%
CaO (Óxido de Cálcio)	38,20%
MgO (Óxido de Magnésio)	8,17%
Tipos de Cálcio	Cálcio
Classificação de Cálcio	Tipo A

Tabela 2: Características físico-químicas do resíduo moído de mexilhão dourado como corretivo

Considerações finais

Após ser seco e triturado, utilizou-se o resíduo moído de mexilhão dourado junto com a vinhaça na camada entre (0 - 20 cm) e ao ser conduzido em laboratório, testou-se os seguintes tratamentos: 1- Testemunha, 2- 150 m³/ha⁻¹ de vinhaça e 3- 150 m³/ha⁻¹ de vinhaça, acrescido de 300 kg/ha⁻¹ de resíduos de mexilhão dourado. Observou-se no tratamento com 150 m³/ha⁻¹ de vinhaça e 300 kg/ha⁻¹ de mexilhão dourado, aumento nas concentrações de potássio, fósforo, manganês, ferro e boro, e diminuição de concentrações de cobre e zinco em comparação com a testemunha. A interação entre a vinhaça, e o resíduo moído de mexilhão dourado proporcionaram melhorias físico-químicas no solo agregando sustentabilidade ambiental ao setor sucroalcooleiro.

Conforme a metodologia utilizada neste estudo, o poder relativo de neutralização total (PRNT) do resíduo moído de mexilhão dourado foi de 45,70% e atendeu a especificação mínima exigida (45%) conforme a legislação vigente. Entretanto, o poder de neutralização (PN) foi de 55,59 %, portanto, ficou abaixo da exigência da Portaria Nº1 -04 03 1983 que determina o percentual mínimo igual ou superior a 67% para a comercialização. A reatividade das partículas do material (RE) foi de 32,51%. Sugere-se que esses valores podem adequar-se às exigências legais através da utilização de equipamentos com maior eficiência no sentido de obter-se granulometria menor, tal como o moinho de bolas usado na obtenção de cálcio, *filler*.



Após a apresentação da aula expositiva sobre a bioinvasão de uma forma generalizada, e contextualizando a aprendizagem ao mostrar aos discentes sobre a problemática do mexilhão dourado, houve questionamentos sobre o assunto, promovendo debates de ideias. Algumas perguntas elaboradas pelos discentes foram estruturadas no quadro 1 (um).

Através desses questionamentos dos discentes foi possível debater a importância da conscientização ambiental para a preservação do ecossistema do planeta proposta pela situação de aprendizagem. A ferramenta pedagógica contextualiza-

Figura 8: Estrutura de ferramenta pedagógica (banner) utilizado para a aula expositiva sobre o mexilhão dourado em Araçatuba / SP. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 9: Aula expositiva sobre a bioinvasão do mexilhão dourado na região de Araçatuba / SP. Fonte: Arquivo Pessoal

alizada através do banner trouxe maior participação e atenção ao tema dos bioinvasores e suas consequências para o meio ambiente.

Ao mostrar e debater a questão das espécies bioinvasoras e com a demonstração da chegada do mexilhão dourado na região em que os discentes se encontram em privação de liberdade, ocorreu a maior interatividade e reflexão sobre as questões do meio ambiente.

A educação ambiental propõe a conscientização ambiental e com isso a aprendiza-

“Se trazer o predador do mexilhão dourado do seu país de origem, será que não resolveria essa proliferação?”

“O mexilhão dourado não é comestível?”

“Como ele chegou até rio Tietê?”

“Se jogar algum produto químico na água, será que é possível combatê-lo?”

“Ele carrega doenças com ele?”

Quadro 1: questionamentos feitos pelos discentes após a realização da aula expositiva sobre a bioinvasão do mexilhão dourado na região de Araçatuba / SP (adaptado). Fonte: estruturado pelo autor.

gem do conteúdo passou ter maior importância para a atuação dos alunos no papel de conscientizar a sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do material do CEEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos) na disciplina de Biologia (Unidade 1 – Interdependência dos Seres Vivos) é compartilhar e sensibilizar através do processo de ensino as questões ambientais e como trazer novas alternativas para minimizar os impactos ao meio ambiente.

Os ensinamentos aos discentes sobre as questões ambientais estão em sinergia com as demais disciplinas, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Como agentes transformadores da sociedade e consequentemente do meio em que vivem os discentes serão à base da conscientização, para que as demais pessoas entendam as necessidades de conservar o planeta.

A realização da aula expositiva sobre a educação ambiental no Centro de Progressão Penitenciária (CPP) de Valparaíso região de Araçatuba/SP, em relação à bioinvasão do mexilhão dourado, estabeleceu o trabalho em consonância com os demais docentes na perspectiva da aprendizagem significativa na busca de conscientizar sobre as problemáticas ambientais e debater as ações para minimizar os impactos destrutivos sobre a natureza

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos). **Biologia Volume 1 - Interdependência dos Seres Vivos (Unidade 1)**. 2017. Disponível em: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/ConteudoCEEJA.aspx?MaterialID=71&tipo=Aluno>>. Acesso em: 15 Ago. 2017.

CHIARIONI, A. M.; SILVA, M. R.; MELO, S. M. **Ocorrência e impactos provocados por bivalve invasor na região de Araçatuba-SP**. In: CICFAI. Congresso de Iniciação Científica. Faculdades Adamantinenses Integradas, 2011. Disponível em: <http://www.fai.com.br/cicfai2015/docs/anais/anais_biologicas_2011.pdf>. Acesso em: 16 Ago. 2017.

FOLHA DA REGIÃO. **Pesquisa busca alternativa para bioinvasão de mexilhão-dourado**. 2012. Disponível em: <<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=297489>>. Acesso em: 17. Ago. 2017.

FOLHA DA REGIÃO. **Grupo de Ilha Solteira tenta evitar dispersão do mexilhão-dourado**. 2015. Disponível em: <<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=379561>>. Acesso em: 16. Ago. 2017.

id=379561>. Acesso em: 16. Ago. 2017.

G1. **Carro coberto por algas emerge com seca no Rio Tietê**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2014/08/com-seca-no-tiete-carro-submerso-e-encontrado-coberto-por-algas.html>>. Acesso em: 15. Ago. 2017.

G1. **Proliferação desordenada de mexilhão gera problema no rio Grande**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2014/07/proliferao-desordenada-de-mexilhao-gera-problemas-no-rio-tiete.html>>. Acesso em: 16. Ago. 2017.

MACHADO, C. J. S.; OLIVEIRA, A. E. S. **Espécies exóticas invasoras: problema nacional ainda pouco conhecido**. 2009. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n1/a10v61n1.pdf>>. Acesso em: 17. Ago. 2017.

MANSUR, M. C. D.; SANTOS, C. P.; DARRIGAN, G.; HEYDRICH, I.; CALLIL, C. T.; CARDOSO, F. R. Primeiros dados qualitativos do mexilhão dourado, *Limnoperna fortunei* (Dunker), no Delta do Jacuí, no Lago Guaíba e na Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil e alguns aspectos de sua invasão no novo ambiente. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 20, n. 1, p. 75-84, 2003.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Espécies exóticas invasoras**. 2010. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/biodiversidade/biosseguranca/especies-exoticas-invasoras>>. Acesso em: 16. Ago. 2017.

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Estratégia nacional sobre espécies exóticas invasoras**. 2011. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/174/_arquivos/ane-

MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Estratégia nacional sobre espécies exóticas invasoras**. 2011. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/174/_arquivos/ane-xo_resoluconabio05_estrategia_nacional_espcies__invasoras_anexo_resoluconabio05_174.pdf>. Acesso em: 17. Ago. 2017.

PASTORINO, G.; DARRIGRAN, G.; MARTÍN, S. M.; LUNASCHI, L. *Limnoperna fortunei* (Dunker, 1857) (Mytilidae), nuevo bivalvo invasor em aguas del río de La Plata. **Neotrópica**, v. 39 p. 34, 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 16. Ago. 2017.

SILVA, M. R. **Avaliação da utilização de vinhaça e resíduo de *Limnoperna fortunei* (Dunker, 1857) em solo canavieiro: possibilidade de reposição de nitrogênio, fósforo, potássio e micronutrientes**. Araçatuba, São Paulo, 2010. Monografia (Graduação em Tecnologia em Biocombustíveis) - Faculdade de Tecnologia (Fatec).

VON RÜCKERT, G.; CAMPOS, M. C. S.; ROLLA, M. E. Alimentação de *Limnoperna fortunei* (Dunker, 1857): taxas de filtração com ênfase ao uso de *cyanobacteria*. **Acta Scientiarum Biological Sciences**, Maringá PR, v.26, n.4, p.421-429, 2004.

RELATO



AULA PRÁTICA NO ENSINO DE QUÍMICA PARA JOVENS E ADULTOS: FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA CONTEXTUALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM SOBRE ELEMENTOS QUÍMICOS, LIGAÇÕES QUÍMICAS E CINÉTICA QUÍMICA

Prof^a Andréa Meiado Chiairion

Introdução

As aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como desenvolver soluções para problemas complexos (LEITE et. al, 2008, p. 3).

As disciplinas que envolvem as Ciências da Natureza são de caráter científico experimental sendo importante contextualizar a situação problema através de procedimentos práticos. Segundo Zamunaru (2006, p. 16), as aulas práticas melhoram as condições de aprendizagem dos conteúdos do currículo de Ciências da Natureza. A aula torna-se mais atrativa e facilita a aprendizagem de cálculos e fórmulas inerentes da disciplina, uma vez que a aplicação e visualização das transformações realizadas esclarecem a importância da matemática como fundamental ferramenta das ciências exatas.

O experimento apresentado aos discentes foi “O violeta que desaparece”, trata-se da reação redox do permanganato de potássio (KMnO_4) quando associado ao ácido acético (CH_3COOH) presente no vinagre e ao peróxido de hidrogênio 10 volumes (H_2O_2), popularmente

RESUMO:

A utilização de aulas experimentais, realizadas em laboratórios ou mesmo na sala de aula, possibilita aos alunos uma vivência mais ampla da ciência, gerando uma relação de afetividade entre o discente e aquilo que se está estudando, o que amplia a possibilidade de aprendizado. Também abre espaço para que o aluno presencie os fenômenos em situações cotidianas, criando relações pessoais de grande importância para o processo de apropriação de um conhecimento. O presente artigo trata sobre a realização de aulas práticas para alunos em restrição de liberdade no Centro de Ressocialização de Araçatuba.

SOBRE A AUTORA:

Docente de Química / Ciências na Escola Estadual José Cândido (Vinculadora) - Centro de Ressocialização—Araçatuba / SP.

conhecida como água oxigenada (THENÓRIO e SANTOS, 2011).

Objetivo Geral: Contextualização da aprendizagem sobre dissociação e transformações químicas decorrente da quebra de ligações intermoleculares e importância do uso de equipamentos de proteção individual (EPI).

Objetivo Específico: Demonstrar através da redução do permanganato de potássio a velocidade das reações, as diferentes cores que surgem com as reações, promover a conscientização a cerca do tempo de reação das substâncias associando ao abuso na ingestão de drogas lícitas e ilícitas bem como no cuidado na aplicação de inseticidas de uso doméstico e produtos de limpeza, e a demonstração sobre o que são boas práticas de laboratório.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

As aulas experimentais foram realizadas no Centro de Ressocialização localizado na cidade de Araçatuba no Estado de São Paulo com o apoio da escola vinculadora “Escola Estadual José Cândido”.

A Diretoria de Ensino de Araçatuba realiza periodicamente ou sempre que solicitado pelos docentes, capacitação para a realização de práticas auxiliadoras do processo ensino-aprendizagem utilizando ferramentas pedagógicas nas orientações técnicas (O.T) sob a mediação dos Professores Coordenadores de Núcleo Pedagógico (PCNP's) Dorislei Aparecida Teixeira de Carvalho (Ciências), Airton Miranda Pinto Júnior (Biologia) e Ângela Maria de Oliveira Barbosa Nunes (Química).

As equipes de trabalho envolvidas foram a docente Andréa Meiado Chiarioni (Química) para a demonstração do experimento A coordenadora pedagógica do Centro de Ressocialização de Araçatuba, e a Diretora Neide Soto Boni da escola vinculadora “Escola

Estadual José Cândido” colaboraram para a realização das aulas práticas fornecendo vidrarias e reagentes.

O apoio e estrutura para a realização da situação de aprendizagem na Unidade de Ensino contou com o apoio e autorização do Senhor Diretor Geral do Centro de Ressocialização (CR) José Antônio Rodrigues Filho, o Diretor de Segurança e Disciplina Roberto César Santana e a coordenadora de Educação e Trabalho Maria Rosana Scarano Zacarin.

METODOLOGIA

Para a realização das aulas práticas foram utilizados os seguintes itens:

Reagentes

- * Permanganato de Potássio (KMnO₄)
- * Vinagre (incolor)
- * Água
- * Água oxigenada 10 volumes

Materiais

- * 3 béqueres
- * 1 pisseta
- * 1 bastão de vidro
- * 1 espátula
- * 1 vidro para descarte de materiais
- * 1 rolo de papel toalha
- * 1 par de luvas

Antes das aulas práticas começarem a serem efetivamente ministrados, os materiais foram apresentados aos alunos a fim de familiarizarem-se com os nomes das vidrarias, com as fórmulas dos reagentes, a localização dos elementos químicos da composição na tabela periódica e sobre onde esses reagentes são

usados no cotidiano.

Na Figura 1, a docente demonstra aos alunos como é utilizada a pisseta e qual a sua



Figura 1: demonstração do use de materiais de laboratório. Fonte: Centro de Ressocialização de Araçatuba.

importância em bancadas de laboratório.

Em seguida, foram dispostos os materiais sobre a mesa utilizada pelos professores dando início aos experimentos. Na Figura 2, os alunos observam a arrumação da bancada improvisada e a apresentação dos reagentes ne-

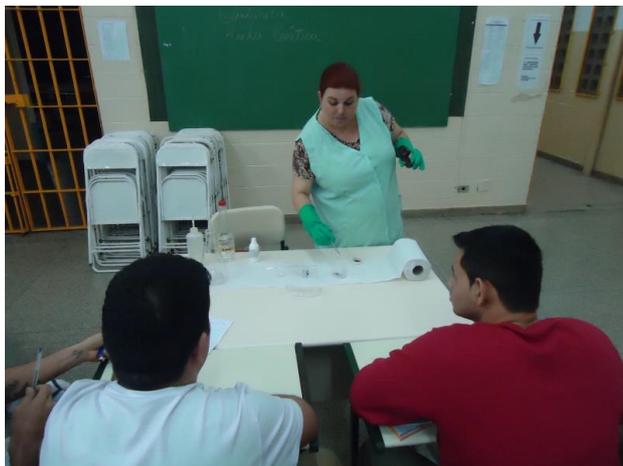


Figura 2: apresentação dos reagentes. Fonte: Centro de Ressocialização de Araçatuba / SP.

cessários a execução da aula prática.

O primeiro experimento realizado foi a oxirredução do permanganato de potássio adicionando uma pequena quantidade do produto

a 60mL de água. Em seguida foi acrescentado 30mL de vinagre de álcool e 30 mL de água oxigenada 10 volumes conforme mostra a figu-



Figura 3: Reação de oxirredução do peramanganato de potássio (KMnO_4). Fonte: Centro de Ressocialização de Araçatuba.

ra 3.

A reação inicia-se alguns segundos após terminada a mistura dos reagentes, permitindo introduzir aos alunos noções acerca do tempo de reação entre as substâncias e sobre a importância da estequiometria no dia a dia.



Figura 4: reação de oxirredução até o completo desaparecimento da cor. Centro de Ressocialização de Araçatuba / SP.

Na Figura 4, é possível observar o clareamento da solução enquanto a reação oxirredução segue até o completo desaparecimento da cor.

Na segunda demonstração, o per-

permanganato de potássio é reduzido a dióxido de manganês (MnO_2). Para isso são adicionados 60mL de água, uma pequena quantidade de permanganato de potássio e 30mL de água oxigenada. O resultado é a saída rápida do gás oxigênio restando uma solução marrom escura que logo começa a separar-se. O dióxido de manganês é insolúvel em água e possui um volume maior que as partículas de permanganato de potássio. Nesse momento foi possível comparar a solubilidade dos materiais no pri-



Figura 5: formação de dióxido de manganês (MnO_2). Fonte: Centro de Ressocialização de Araçatuba / SP.



Figura 6: solução descartada do experimento anterior reduz solução de dióxido de manganês. Fonte: Centro de Ressocialização de Araçatuba / SP.

meiro e segundo experimento, as diferenças no volume, tempo de reação e sobre a densidade dos materiais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discentes mostraram grande interesse quando observaram que a solução descartada no erlenmeyer ainda possuía o poder de reduzir a solução do segundo experimento e torná-la incolor. Nesse momento foi discutido sobre a segurança em se beber água de fontes e minas sem antes realizar a análise sobre sua potabilidade pois, mesmo estando incolor, a água contida no erlenmeyer não poderia ser consumida. O tempo de reação foi também associado ao uso de medicamentos, sobre o que é posologia e a importância em respeitar o intervalo entre as doses e o tempo de tratamento prescrito pelo médico.

Foi discutido também sobre a possibilidade de alergias em crianças e sobre o mal estar de animais de estimação estar relacionado ao uso de inseticidas e produtos de limpeza, uma vez que o experimento demonstrou que as reações químicas demoram um tempo para cessarem. Nesse momento foi comentado sobre a importância da leitura sobre as recomendações do fabricante nas embalagens dos pro-



Figura 7: discussão e contextualização dos resultados observados. Fonte: Centro de Ressocialização de Araçatuba / SP.

produtos e sobre as orientações sobre os procedimentos que deverão ser adotados em caso de intoxicação. Na imagem os alunos discutem sobre os resultados dos experimentos e relacionam com situações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aulas práticas são ferramentas pedagógicas interessantes e impactantes. Tem o poder de estimular os alunos a observar mais atentamente o mundo que os cerca e ao mesmo tempo produzir o encantamento que poderá ser decisivo na escolha de uma carreira profissional na área das ciências da natureza. Assuntos de difícil compreensão na disciplina Química podem ser facilmente desvendados através de demonstrações experimentais onde os alunos observam, refletem, relacionam e discutem sobre os conteúdos não mais como algo distante que acontece apenas em laboratórios e filmes de ficção ou um conhecimento vazio que nunca será utilizado, mas sim como algo que faz parte de suas vidas cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos). **Química Volume 1 – Transformações Químicas (Unidade 1 – Química no Cotidiano)**. 2016. Disponível em: < [http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/ConteudoCEEJA.aspx?](http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/ConteudoCEEJA.aspx?MaterialID=71&tipo=Aluno)

MaterialID=71&tipo=Aluno>. Acesso em: 03 Set. 2016

LEITE. A.; SILVA. P. B.; VAZ. A. C. **A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II. Ensaio: 2008.** Disponível em: <www.fae.ufmg.br/ensaio/volume7especial/artigo_leiteetal.pdf>. Acesso em: 03 Set. 2016.

THENÓRIO, I.; SANTOS, H. **O violeta que desaparece.** Disponível em: <<http://www.manualdomundo.com.br/2011/11/o-violeta-que-desaparece-experiencia-de-quimica/>>.

Acesso em: 03 Set. 2016.

ZAMUNARO. A. M. B. R. **A prática de ensino de ciências e biologia e seu papel na formação de professores. 236p.** (Tese de Doutorado em Educação para a Ciência, Área de Concentração: Ensino de Ciências) – Curso de Pós-Graduação em Educação para a Ciência. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2006.

ARTIGO



INTERAÇÃO SOCIAL: POR UMA ESCOLA ABERTA AO PROTAGONISMO ESTUDANTIL E ÀS DIVERSIDADES CULTURAIS

Prof.^a Elaine Souza e Prof.^a Selma Cristina da Silva

Introdução

O Projeto ERER é uma ação voltada para o conhecimento e valorização das culturas indígenas e proporciona um significado prático e efetivo a conhecimentos teóricos. É percebido que a metodologia tradicional usada em sala de aula fica estagnada. E como poderíamos falar em inclusão, convívio social democrático e respeito às diversidades com um ensino pautado apenas em teorias?

É nesse sentido que o projeto foi desenvolvido, pensando na construção de conhecimentos em que ambas as partes, educandos da EE “Baptista Dolci” e povos da Aldeia Indígena Icatu pudessem ter uma troca mútua de conhecimentos e saberes. Dessa forma, o ensino passa a ter amplos significados, ultrapassa os limites da sala de aula e conduz os educandos a uma visão mais ampla e pluralizada da nossa sociedade, possibilitando aos mesmos o exercício do protagonismo na realização das atividades.

Desse modo, segundo as autoras vivemos numa sociedade de culturas diversas, ou seja, um mundo com uma imensa riqueza cultural

RESUMO:

A EE “Baptista Dolci”, situada em Dolcinópolis/SP desenvolveu o Projeto ERER (Educação para as Relações Étnico-raciais) com o objetivo de levar os educandos e a comunidade escolar a uma maior interação e valorização das diversidades culturais. O projeto é composto por pesquisas bibliográficas, análise de textos e imagens, atividades impressas avaliatórias, danças e visita monitorada à Aldeia Indígena Icatu em Braúna/SP. Trabalhar com projetos de valorização das diversidades contribuem significativamente para as interações sociais, pois promove o combate à discriminação e ao preconceito. Assim, são fundamentais atividades que trabalham diversas culturas para promoção da igualdade e do abandono de ideias pré-concebidas, levando em conta a pluralidade cultural presente em nossa sociedade. É necessário enfatizar o protagonismo dos alunos com suas contribuições a cada etapa do projeto, que com isso potencializar, o desenvolvimento dos mesmos tanto na parte cognitiva quanto social.

PALAVRAS CHAVE:

Interação. Inclusão. Diversidades Culturais.

AUTORAS:

Elaine Souza, Licenciada em História, e Selma Cristina da Silva, licenciada em Língua Portuguesa e Inglesa.

que precisa ser conhecida e reconhecida, apreciada, valorizada e compartilhada. Nesse ponto, nota-se o quanto o Projeto ERER torna-se indispensável quando se propõe trabalhar as diversidades culturais, para a erradicação da intolerância e do preconceito e, ainda, engajar o apoderamento de metodologias de ensino voltadas para atual realidade educacional.

Muitas comunidades indígenas estão próximas às cidades, então é de suma importância buscar essa interação. Trazê-las para a unidade escolar, é valorizar suas culturas e incluí-las efetivamente no processo ensino-aprendizagem.

POR UMA ESCOLA ABERTA AO PROTAGONISMO ESTUDANTIL E AS DIVERSIDADES CULTURAIS

A EE "Baptista Dolci", situada em Dolcinópolis- SP, jurisdicionada à Diretoria de Ensino Região de Jales, desenvolveu o Projeto ERER (Educação para as Relações Étnico-Raciais), no período de março a agosto de 2017, a princípio contou com a participação dos alunos do Ensino Médio e posteriormente estendeu-se ao alunos do Ensino Fundamental.

O desenvolvimento do projeto e vivência do mesmo faz parte do Plano de Ensino de História, sob a orientação da Prof.^a Elaine Souza e

com atividades interdisciplinares de Geografia com a Prof.^a Sonia Presuto, de Artes com Prof.^o Ivan Donizeti A. Montanher e de Biologia Prof.^o Marcos Donizete Tresso. Ressaltando, ainda, a parceria e apoio de toda equipe escolar.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013). "A educa-

ção deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças". Nesse sentido, foram intensificadas dialéticas que envolvem o outro, ou seja, a cultura indígena e a afro-brasileira.

O projeto não foi uma atividade isolada, houve processos de discussões e atividades desde a formulação da sua estrutura até a finalização. Começou com diálogos com os alunos em sala de aula e foi se desenvolvendo através de pesquisas e levantamentos bibliográficos sobre o tema em diversas fontes, e assim, discutiu-se a estrutura do mesmo. Os alunos demonstraram profundo interesse pelas explicações e também pela parte prática gerando assim, grandes expectativas em torno do projeto.

"[...] As manifestações da diversidade cultural no planeta se dão no plano da cultura, porque cada etnia possui uma forma distinta de cultivar sua personalidade, manifestando de uma forma peculiar de amor-próprio e auto conservação e, até mesmo, de anteposição e contraposição a modelos externos. Essa assertiva se aplica à sociedade urbana de ontem e de hoje, vide movimentos culturais diversos dentro de uma mesma sociedade, em seus diferentes âmbitos etários, socioeconômicos, ideológicos, étnicos."

(BERGAMASCHI et al (Orgs.), 2012, p. 129)

Um dos recursos utilizado para efetivar a aprendizagem e promover um olhar mais pluralizado foi o desenvolvimento em sala de aula de atividades com conteúdos voltados para a pluralidade étnico-racial. Esse processo possibilitou aos alunos desenvolverem a autonomia, o protagonismo e a alteridade.

Sendo assim, no dia 19 de abril de 2017, em comemoração ao Dia do Índio, alunos do Ensino Médio e professores estiveram na Aldeia Indígena Icatu das etnias Terena e Kaingang, em Braúna, interior de São Paulo. Foram recepcionados pelas autoridades locais e assistiram às apresentações de abertura da programação.

Apreciaram os artesanatos que foram expostos por eles, e em seguida, assistiram às apresentações de danças indígenas. Logo após, foram convidados a fazer uma trilha na mata com o monitoramento do Pajé das Ervas, que também é professor de História. Durante a trilha ele foi orientando sobre a importância de se preservar o meio ambiente, o respeito às diferenças e o cuidado com a água. É necessário destacar aqui, o quanto foi enriquecedor o projeto, pois além de trabalhar a prática de inclusão educacional, os alunos tiveram uma aula prática sobre o meio ambiente. Na despedida, convidamos os índios da aldeia para visitarem a comunidade escolar da EE “Baptista Dolci” para o encerramento do Projeto ERER. O convite foi aceito prontamente.

No dia 15 de agosto de 2017, alguns membros da Aldeia Indígena Icatu prestigiaram a EE Batista Dolci. Foram carinhosamente recebidos no portão por alunos, professores e gestores. O evento iniciou-se com as sauda-

ções de boas vindas da Gestão Escolar, Supervisora de Ensino e PCNPs da Diretoria de Ensino de Jales. Em seguida, apreciaram as apresentações indígenas. O evento contou, também, com a presença dos alunos e professores da Escola Municipal Antônio Manente, pais de alunos e a comunidade.

Um momento muito significativo foi quando o Pajé deu início a uma cerimônia de oração em agradecimento à UE na língua Kaingang e a dança dos “bambus”. Foi explicado pelo Cacique Ronaldo que esta cerimônia é realizada para abençoar os guerreiros da tribo quando os mesmos saem para caçar em sinal de bravura. E como parte da atividade interativa foi servido um delicioso café da manhã e um almoço coletivo.

As atividades foram encerradas com uma homenagem aos indígenas, mediante apresentação de danças pelos alunos da escola. O Cacique Ronaldo realizou uma palestra salientando a importância do cuidado com o meio ambiente e o respeito às diversidades culturais. Esse momento de aprendizagem foi muito gratificante, proporcionando aos participantes partilhar experiências e costumes.

Os educandos protagonizaram todo o evento com a mediação dos professores, participando desde o início até o final do projeto. Os educandos da escola e os membros da aldeia interagiram-se de forma satisfatória, o que comprova a eficácia e a essência do projeto.

No processo avaliativo destaca-se a importância de se trabalhar com projetos, pois estes potencializam o desenvolvimento de habilidades de valores, tais como: responsabilidade, autonomia, resolução de questões e con-

vívio social. Diante do exposto, fica claro o que diz as Diretrizes Curriculares Nacionais:

Para realização deste projeto a “EE Baptista Dolci” contou com a parceria do Grêmio estudantil Aipode, da Prefeitura Municipal de Dolcinópolis e de Braúna, e todo o processo foi registrado em documentos impressos e digitais, fotos e vídeos.

“A relação entre teoria e prática se impõe, assim, não apenas como princípio metodológico inerente ao ato de planejar as ações, mas, fundamentalmente, como princípio epistemológico, isto é, princípio orientador do modo como se compreende a ação humana de conhecer uma determinada realidade e intervir sobre ela no sentido de transformá-la.”

(DCNs, 2013,p. 162)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do projeto está embasada em uma educação que tem como pressuposto o respeito aos direitos humanos, fortalecendo uma aprendizagem que valoriza o outro em sua singularidade. Foram criadas várias oportunidades para que todos pudessem interagir, contribuindo para a conscientização da igualdade social e do respeito à(s) diversidade(s) cultural (is), e oportunizando a inclusão sociocultural e ainda, possibilitando mudanças de posturas na comunidade educacional e além dela.

Sendo assim, este projeto não tem fim em si mesmo, mas é o início de uma nova relação social e que a partir de então muitas outras experiências virão para enriquecer ainda mais a

sociedade. Foi um trabalho pioneiro e singular que muito engrandeceu os profissionais da educação envolvidos nesse projeto.

O que fica é o sentimento de gratidão e a certeza de que o conhecimento e a partilha de experiências conduzem as pessoas à alteridade, e conseqüentemente ao respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MUNDURUKU, Daniel, **O caráter educativo movimento indígena brasileiro(1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida., Dalla Zen, Maria Isabel Habckost., Xavier, Maria Luísa Merino de Freitas. (Orgs) **Povos indígenas & Educação**.- 2.ed. – Porto Alegre: Mediação, 2012 200p.
- SAMPAIO. Maria Cláudia. **A importância de trabalhar com projetos no ensino fundamental**. Campanha Nacional de Escolas da comunidade Faculdade Cenequista de Capivari – FACECAP. Capivari, SP 2012
- Plano de ação - equipe multidisciplinar. Colégio Estadual Marechal Costa e Silva Ensino Fundamental e Médio. Cidade Gaúcha. 2013 Disponível em: <http://www.cdhcostaesilva.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/7/560/259/arquivos/File/Plano%20de%20aula/PA-2013.pdf>
- MIORANZA. Angela Josefina, ROËSCH. Isabel Cristina Corrêa. **A diversidade cultural no cotidiano da sala de aula**. Disponível em: <http://cacphp.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/30.pdf>

RELATO



10ª MOSTRA DE CINEMA E DIREITOS HUMANOS NO MUNDO, NA DIRETORIA DE ENSINO SUL 1

Prof. Celso Francisco do Ó e Prof.ª Priscila Lourenço Soares Santos

Introdução

Durante os últimos anos os interlocutores das temáticas Étnicorracial, Gênero e Diversidade Sexual vêm desenvolvendo ações para multiplicar e fortalecer as ações de combate à discriminação nas Unidades Escolares da Diretoria Ensino Região Sul 1 (DER Sul 1).

Além de tomar como referencial os documentos oficiais encaminhados pela Secretaria de Educação do Estado do São Paulo (SEE-SP) através do Núcleo de Inclusão Educacional (NINC), e legislações vigentes, buscamos estabelecer o diálogo com as (os) professoras (es) de Ciências Humanas. Nosso principal foco é desenvolver, para estes profissionais da educação da Diretoria de Ensino Região Sul 1, subsídios para desenvolver ações relacionadas aos Direitos Humanos e principalmente no combate à reprodução de preconceitos e discriminações.

As ações para a temática Etnicorracial vêm sendo desenvolvidas pela Prof. Priscila Lourenço Soares Santos (Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de História), por meio de Orientações Téc-

SOBRE OS AUTORES:

O Professor Celso Franciso do Ó e a Professora Priscila Lourenço Soares Santos são PCNP's na Diretoria de Ensino Sul 1.

nicas (OTs) com Professoras (es) de História e também através de cursos focados neste tema; já as ações desenvolvidas para as temáticas Gênero e Diversidade Sexual estão sendo desenvolvidas pelo Prof. Celso Francisco do Ó (Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico de Sociologia), que também desenvolve OTs com Professoras (es) de Sociologia e professoras das Salas de Recurso - no segmento da Educação Especial.

Este artigo apresenta uma dessas ações: a 10ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos.

SOBRE A MOSTRA

A 10ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos é uma das estratégias que foi adotada pela Diretoria de Ensino Região Sul 1, que no primeiro semestre de 2016 teve como principais temáticas de estudos e discussões: o Étnicorracial, o Gênero e Diversidade Sexual. A 10ª Mostra é uma ação conjunta com o Governo Federal que através da Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos em Parceria com o Ministério da Cultura forneceram à equipe de Ciências Humanas os filmes para exibição aos professores e alunos, com o principal objetivo de fortalecer o debate sobre a educação em Direitos Humanos, ampliação dos espaços de discussões sobre os temas por meio da linguagem cinematográfica sobre esta temática. Nas palavras da PCNP Priscila:

“No ano letivo de 2015 participamos pela primeira vez da ‘Mostra Cinema e Direitos Humanos no Mundo’ que estava na sua 9ª edição. Em maio de 2016 foi realizada a nossa segunda participação na 10ª edição. Nesses dois anos de participação a entidade responsável nos encaminhou um kit com os filmes foram exibidos e o material para divulgação da mostra”.

A Equipe de Ciências Humanas, composta Priscila Lourenço Soares Santos (PCNP de História) Celso Francisco do Ó (PCNP de Sociologia), Pedro Pachinski (PCNP de Filosofia) e Wanderley Evaristo Matos (PCNP de Geografia) assistiram aos filmes para seleção da 10ª Mostra planejando as ações que seriam desenvolvidas a partir do material selecionado, já que o ponto de partida seriam os filmes selecionados, os quais seriam os “textos geradores” de debates para a formação.

Os filmes selecionados para apresentação foram: Os documentários de “Félix, o Herói da Barra” do Diretor Edson Fogaça; “Silêncio das Inocentes” da Diretora Ique Gazzola; e o “Abraço de Maré” do Diretor Víctor Ciríado. Entre os filmes de curta metragem de ficção, escolheram: “Meu Amigo Nietzsche” do Diretor Fáuston da Silva e, ainda; “Do Meu Lado” do Diretor Tarcísio Lara Puiati.

A 10ª Mostra foi realizada no ano letivo de 2016 na DER Sul 1, de 18 à 20 maio com a apresentação de obras audiovisuais que discutem temas atuais de Direitos Humanos. Por se tratar de uma ação relevante dando continuidade às temáticas do ano letivo de 2015, optamos por desenvolver três eixos principais com o

público-alvo, sendo eles: Gênero, Étnicorracial e Participação Política. Assim, a exibição dos filmes é vista como uma ação completa, por isso, exigiu a participação de alguns especialistas para realizarem palestras e rodas de conversa utilizando o filme como ponto de partida, para o debate e formação dos professores.

É importante ressaltar que pela primeira vez houve a participação dos Presidentes e Vice-presidentes de Grêmios Estudantis das Unidades Escolares pertencentes à Diretoria de Ensino Sul 1, pois os professores e alunos tiveram a oportunidade de refletirem e debaterem sobre os temas e além de trocarem experiências sobre a maneira como suas escolas vêm desenvolvendo as ações de suas localidades. A ação se mostrou de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo, o qual diz que:

“O desenvolvimento pessoal é um processo de aprimoramento das capacidades de agir, pensar e atuar no mundo, bem como de atribuir significados e ser percebido e significado pelos outros, apreender a diversidade, situar-se e pertencer. A educação tem de estar a serviço desse desenvolvimento, que coincide com a construção da identidade, da autonomia e da liberdade”

(Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2010, p.09)

O objetivo desta Mostra cinematográfica é articular os conceitos das questões Étnicorracial, Gênero e Diversidade Sexual através de metodologias que ofereçam ferramentas geradoras de debates para formação dos pro-

fessores de Ciências Humanas, a fim de que eles desenvolvam ações a partir dos filmes que poderão ser apresentados nas suas unidades escolares. Segundo, Napolitano (2009), o qual trabalha leitura de filmes com o cotidiano, os debates são considerados métodos articuladores de temas desenvolvidos para cada um dos componentes das Ciências Humanas, de acordo com o Currículo da área. O trabalho com os filmes exibidos na Mostra ao serem desenvolvidos no ambiente escolar, muitas vezes exigirá do professor um ajuste ao contexto específico do seu componente curricular, e de cada série em que ministra aulas, levando em consideração os objetivos a serem alcançados em relação ao trabalho com as temáticas envolvidas nos filmes e os conceitos, não esquecendo das habilidades e competências que se pretende desenvolver com os alunos nas suas unidades escolares. Segundo Sandra Haddad a prática da utilização do cinema é conteúdo essencial como linguagem para formação dos alunos como cidadão:

“Utilizado como prática educativa pelo professor, o cinema possibilita sensibilizar o aluno, estimulando-o a realizar uma reflexão e leitura crítica do mundo e a apropriação do conhecimento, como condição vital de reconhecer-se como sujeito produtor e transformador da realidade. O avanço da tecnologia e da comunicação facilita o acesso e a interação de diferentes técnicas de linguagens visuais, artísticas, estéticas e literárias no cotidiano das pessoas e no contexto escolar. É essencial ao educador procurar adequar à sua prática pedagógica ações que possibilitem a redescoberta do espaço escolar como

o lugar do pensar e do agir com autonomia. Ele necessita repensar sua postura profissional para assumir uma concepção de educação na qual o fazer pedagógico contribua para a formação ética, intelectual e social do aluno-cidadão.

(HADDAD, 2009).

No primeiro dia de Mostra foi exibido o documentário “Félix, o Herói da Barra”, o qual o público-alvo escolhido foi os Professoras (es) de História e Geografia, já que o Currículo desta área envolve conteúdos voltados à História da Cultura Afro-brasileira e Africana em todas as escolas, públicas e particulares, do Ensino Fundamental e Ensino Médio em todo o território nacional de acordo com a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino destes conteúdos. Este filme auxilia as (os) Professoras (es) de História e Geografia em suas aulas no destaque a cultura afro-brasileira e valorização dos negros. O personagem central do documentário Félix José Rodrigues é um ex-escravo que teria lutado na Guerra do Paraguai e recebido das mãos do imperador D. Pedro II uma grande extensão de terras no norte de Goiás. Na história Félix perde o documento oficial e original de posse das terras depois da morte de D. Pedro II. Tal acontecimento fez com que sua família empreendesse um esforço que já dura mais de meio século para comprovar a veracidade da história para os registros oficiais. O filme oferece através do poder da imagem condições de sensibilizar os alunos sobre a questão da cultura afro-brasileira que ainda é pouco ou praticamente não discutida nas escolas.

O documentário “Félix, o Herói da Barra” instiga a curiosidade e um fascínio das (os) professoras (es) de História e Geografia pela riqueza de informações e dados etnográficos apresentados na História sobre a comunidade Quilombola. Ao final, houve uma palestra sobre a temática do filme realizada pelo convidado Prof. Renato Ubirajara dos Santos Botão, membro da equipe do Núcleo de Inclusão Educacional (NINC), um dos responsáveis pela Educação Quilombola da Secretaria de Educação São Paulo. Renato apresentou a definição dos quilombos, e a existência dos mesmos em território nacional por meio de dados no estado de São Paulo, e, ainda, comentou sobre os trabalhos desenvolvidos nestas comunidades relacionados a questões culturais e de agricultura. Ele também divulgou a importância da Constituição Federal de 1988, que trata sobre Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) sobre o reconhecimento das terras quilombolas. Ao final, apresentou as escolas quilombolas vinculadas à rede estadual e de alguns municípios do Estado de São Paulo.

O documentário “Silêncio das Inocentes”, escolhido para ser apresentado no segundo dia da Mostra é tema atual, polêmico e gerador de debates entre os alunos e professores. Trata-se de um documentário gerador de questionamentos analisados na Filosofia e Sociologia, pois relata a história da criação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) e da luta das mulheres contra a violência doméstica e familiar, que é considerada uma das leis mais completa do mundo.

O Documentário traz depoimentos de autoridades, especialistas e parentes das víti-

mas da violência e pretende fomentar o debate conscientizando que a violência ainda está inserida no contexto social, sendo a agressão contra a mulher uma prática realizada e motivada por razões fúteis, motivadas pelo ciúme ou sentimento de posse.

A Diretora Ique Gazzola busca neste trabalho apresentar um pouco das causas do silêncio dessas mulheres, seja por medo ou por vergonha; que impede a construção de dados sólidos capazes de revelar a real magnitude deste fenômeno social que ocorre no mundo.

O principal objetivo da Sociologia, segundo o Currículo do Estado de São Paulo (2010) é propor na desnaturalização¹ e estranhamento² dos comportamentos da sociedade contemporânea na qual nossos alunos fazem parte. Esse processo reflexivo se inicia ao recusar argumentos que “naturalizam” ou são considerados naturais. Por isso, a necessidade de pensar em ações e relações sociais e os produtos gerados a partir da relação humana, proporcionando oportunidades de reflexão crítica. Um exemplo disso relacionando a questão de gênero é colocar em pauta como a nossa sociedade se estabeleceu sobre dominação masculina fundamentada em uma possível superioridade biológica:

“A proposta se caracteriza, ainda, pela definição de recortes temáticos das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política, Sociologia), com o enfoque de questões que se apresentam também como problemas sociais que afetam a vida em sociedade, especialmente a dos jovens. temas têm, portanto, uma referência concreta, mas seu tratamento depende da articulação rigorosa com conceitos e teorias sociológicas”

(Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas Tecnologias, 2010, p.135).

O documentário como instrumento de sensibilização sobre o tema possibilitou o levantamento de algumas questões levantadas por Sayão (2003), sobre como foram construídas e ainda são reproduzidas culturalmente as hierarquias das desigualdades de Gênero, sendo algo ainda muito latente a relação de dominação e poder do homem em detrimento da mulher. Para a autora as mulheres até hoje são vistas como cuidadoras dos seus filhos, inseridas no mundo privado, predominantemente doméstico, enquanto os homens por serem considerados superiores, livres e ligados principalmente ao ambiente público, são vistos como “provedor”. Em contrapartida conforme Azerêdo (2011) as mulheres presentes no ambiente pú-

¹(...) Há uma tendência sempre recorrente de se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política com argumentos naturalizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais. (MORAES, 2010)

²(...). Estranhar, portanto, é espantar-se, é não achar normal, não se conformar, ter uma sensação de insatisfação perante fatos novos ou do desconhecimento de situações e de explicações que não se conhecia. Estranhamento é espanto, relutância, resistência. Estranhamento é uma sensação de incômodo, mas agradável incômodo, vontade de saber mais e entender mais, sendo, pois, uma forma superior de duvidar. Problematizar um fenômeno social é fazer perguntas com o objetivo de conhecê-lo: “- Por que isso ocorre?” “- Sempre foi assim?” “- É algo que só existe agora?” Por exemplo: quando hoje estamos frente à questão da violência, devemos perguntar: “- Houve violência em todas as sociedades? Como era a violência na antiguidade? Em outros países, há a violência que vemos em nosso cotidiano? Há um só tipo de violência? Quais as razões para tais e quais tipos de violência?”

blico, tais como: meios de comunicação, comerciais e etc. são vistas como mercadorias, onde para ser mulher é necessário seguir uma determinada receita: fazer academia, dietas e cirurgias plásticas, garantindo medidas exatas, como menciona a autora: “para se tornar uma mulher ‘de verdade’”.

Com o objetivo de ampliar o debate de gênero, após a apresentação do documentário “Silêncio das Inocentes”, houve uma palestra realizada em parceria com a Defensoria Pública de São Paulo representado pelo Núcleo de Combate a Discriminação, Racismo e Preconceito, onde foi tratado de outro tipo de violência, especificamente contra a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais – conhecida pela sigla LGBT. Para tratar do tema estiveram presentes, Aurea Maria de Oliveira Manoel (Defensora Pública) e Elisabete Gaidei Arabage (Agente de Defensoria e Assistente Social). Ambas abordaram pontos importantes, tais com: a importância de respeitar a individualidade do outro, a legislação como o Decreto nº 8727/16 e também a Lei Estadual nº 10.948/200, as quais tratam sobre a questão do nome social e principais ações de combate à homofobia. Um ponto interessante deste debate esteve relacionado à expressão de vários professores e professoras ao questionarem sobre o Movimento LGBT e dúvidas sobre a sexualidade deste público, compreendendo que:

“Orientação sexual - diz respeito à direção ou à inclinação do desejo afetivo e erótico. Esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidades), pessoas do mesmo sexo

(homossexualidades) ou de ambos os sexos (bissexualidades). Identidade de gênero - refere-se à maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para os demais como homem ou mulher, ou ainda uma mescla de ambos, independentemente do sexo biológico e da orientação sexual.

CORSA/ECOS, 2008. P. 34 a 36.

Ambos os temas abordados acabaram indo de encontro ao que está proposto no Currículo de Sociologia, onde constam que na 2ª série do Ensino Médio as diferentes formas de violência relacionadas a Gênero recorrente do ambiente doméstico para serem discutidos com os alunos e, ainda, na 3ª série do Ensino Médio abordado os movimentos sociais sendo eles: o Movimento Feminista e Movimento LGBT.

Para o terceiro e último dia da Mostra foi organizado um evento especial: como mencionado anteriormente foi a primeira vez houve a participação dos Presidentes e Vice-presidentes de Grêmios Estudantis em uma formação junto com professores e por se tratar de um público muito dinâmico e diverso optou-se por três curtas metragens com temáticas e técnicas diferentes de produção. A primeira “Abraço de Maré” do Diretor Victor Ciríado com a duração de 16 minutos, o segundo, uma ficção: “Meu Amigo Nietzsche” do Diretor Fáuston da Silva com a duração de 15 minutos e o terceiro, outra ficção: “Do Meu Lado” do Diretor Tarcísio Lara Puiati com duração de 14 minutos.

A primeira curta metragem “Abraço de Mare” tem como tema central a questão da de-

desigualdade social e questionamentos sobre o que é a felicidade, mostrando a história de uma família a qual reside em uma pequena ilha nas margens de um rio no centro de uma cidade onde as personagens centrais do filme são entrevistadas. As cores das imagens foram feitas em preto e branco demonstrando os contrastes da vida da família e o som da cidade próxima da casa deles.

O segundo curta metragem “Meu Amigo Nietzsche” apresenta uma história de ficção, que narra a vida de um garoto chamado Lucas, personagem central da trama. Lucas é um garoto com algumas dificuldades de leitura e escrita e durante um momento de lazer em um lixão da periferia de Brasília encontra um livro do filósofo alemão do século XIX, Friedrich Nietzsche, que faz uma mudança radical em toda sua vida revolucionando sua mente, sua vida, de sua família e de seus amigos, realizando um debate sobre protagonismo e a participação política principalmente dos adolescentes.

O terceiro filme de curta metragem também foi uma produção do gênero ficção que trouxe como enredo as vidas de duas vizinhas: uma umbandista e uma protestante. Ambas começam a se observar cotidianamente, mas uma infiltração abre um buraco na parede que divide suas casas e que termina por aguçar a curiosidade da protestante sobre a vida da umbandista, pois a protestante passa a observar e escutar a vida da vizinha pelo buraco da parede. O filme passa pelo preconceito religioso e a violência doméstica, e mostra uma possibilidade para superar questões relacionadas ao preconceito religioso. O Diretor do filme utiliza técnicas para transmitir apenas o uso de imagens

e sons sem muitos diálogos para desenrolar da história do filme. A escolha deste traduz a temática relativa ao ensino de história e culturas: africanas e afro-brasileira prevista na lei 10.639/03, a qual deixa evidente a importância de não prescindir ao passado, estabelecendo e buscando vínculos com a história de vida dos alunos e ações de resistência, ontem e de hoje, muito presente na história do filme.

Considerando que o próprio sentido da religião é o de promover a paz, entendemos que as atividades pedagógicas também devem se voltar para esta perspectiva e favorecer a possibilidade do diálogo, do respeito e da valorização das diferentes culturas que compõem a formação da sociedade brasileira. (Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.p.45).

A palestra do terceiro dia foi realizada pelo Prof. Sérgio Silveira Silva da disciplina de Arte da E. E. Zenaide Lopes de Oliveira Godoy e teve como foco principal maneiras de como realizar a gravação de um curta metragem utilizando um celular, sobre técnicas como luz, som e zoom além da produção para desenvolvimento e realização de filmes orientando os Presidentes e Vice-presidentes dos Grêmios Estudantis. Ao final de sua fala foi lançado aos Grêmios Estudantis, o 1º Festival de Curtas dos Grêmios Estudantis da DER Sul 1 com temáticas dirigidas às questões que dialoguem e contribuam para sua formação de cidadão e de luta por seus direitos.

O Grêmio Estudantil é a organização representativa dos estudantes na Unidade Escolar, sendo uma das primeiras oportunidades que os jovens têm de participar ativamente da

sociedade. Assim, cabe ressaltar a importância do Grêmio Estudantil como um espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e de luta por direitos, por este motivo a DER Sul 1, pensando nesta atuação como protagonismo juvenil vem buscando fomentar ações capazes de fortalecer o protagonismo juvenil.

A proposta 1º Festival de Curtas dos Grêmios Estudantis da DER Sul 1 tem como objetivo exibir os curtas metragens com a duração de no máximo de três minutos (3 min). Ao final do terceiro dia da 10ª Mostra Cinema e Direitos Humanos a equipe de Ciências Humanas propôs aos alunos a realização de debates e pesquisas sobre os assuntos voltados para Igualdade Racial, Direito da População Afrodescendente, Direitos das pessoas com deficiência e inclusão, Gênero, População LGBT/ Enfrentamento da homofobia, promovendo a ampliação de ambientes propícios para a cultura e educação em Direitos Humanos. Este Festival será realizado no mês de setembro de 2016 na Diretoria de Ensino Região Sul 1 exibindo os curtas metragens produzidos pelos alunos dos Grêmios Estudantis, além da exibição dos filmes selecionados.

Bibliografia

AZERÊDO, Sandra. **Preconceito conta a "mulher": Diferença, poemas e corpos:** A produção e a manutenção do preconceito contra a mulher. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. 19-42 p. (Preconceitos, V. 1).
BRASIL, CNE/CP 003/2004. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais e**

para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 10/3/2004. EQUIPE DO PROJETO GRÊMIO EM FORMA (São Paulo) (Org.). **Caderno Grêmio em Forma.** 2. ed. São Paulo: Instituto Sou Paz, 2005. Disponível em: <http://homolog.tbboom.net/clientes/SoudaPaz/upload/pdf/caderno_gremioemforma.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016..

CORSA/ECOS. **Diversidade Sexual na Escola:** Uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Edição Especial, 2008.

COUTINHO, L.M. **Diálogos Cinema - Escola.** Série TV-ESCOLA - Ministério da Educação e Cultura, 2002.

Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – São Paulo : SEE, 2010.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2009.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 01, p.121-149, jun. 2003.

Caderno de cinema do professor: três / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização, Devanil Tozzi, Eva Margareth Dantas, Marilena Bocalini. - São Paulo : FDE, 2009.

Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, 2006.
MORAES, Amaury César. (Coord.) **Sociologia: ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ARTIGO



A ABORDAGEM DA CAPOEIRA COMO FERRAMENTA HISTÓRICO-CULTURAL DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA PROPOSTA CURRICULAR DO 9º ANO DA REDE OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Prof. João Paulo dos Reis Nery e Prof. Eliéser Pires

Introdução

Este projeto foi realizado na Escola Estadual Deputado João Sussumu Hirata, localizada no, Jardim Mônica região do Capão redondo periferia da Cidade de São Paulo, com início prático no primeiro semestre de 2017.

O projeto foi elaborado com base no currículo cultural, que tem a intenção de oferecer aos educandos nas aulas de Educação Física, uma leitura crítica de si mesmo, da sociedade e do mundo por meio da cultura corporal, que tem por objetivo fazer da escola um local democrático, onde todas as culturas possam ter o direito de expressar suas verdades, códigos e signos, dignificando e legitimando a cultura corporal dos diversos grupos sociais que compõe as salas de aula e a sociedade de modo geral.

RESUMO

Este estudo se propõe a analisar como é desenvolvida a cultura afro-brasileira na Proposta Curricular de Educação Física do Estado de São Paulo (9º ano). As lutas e movimentos sociais posteriores à libertação fizeram com que diversos direitos surgissem, dando força ao movimento negro e iniciando uma mudança dos paradigmas. A inclusão da temática da cultura afro-brasileira nos currículos escolares se dá no sentido de ampliar, de maneira ética, a discussão sobre a diversidade cultural, racial e social brasileira. A população negra no Brasil, sob o ponto de vista histórico é desmerecida, uma vez que a classe burguesa não superou o término da escravidão. O processo de implementação da Lei 10.639/03 e outros dispositivos legais tornam obrigatórios o ensino, bem como discussões pertinentes às relações étnico-raciais, a ser inseridas em todas as disciplinas do currículo escolar.

PALAVRAS CHAVE

Educação Física, Proposta Curricular, Ensino Fundamental de Anos Finais, Cultura Afro-Brasileira, Relações Étnico-Raciais.

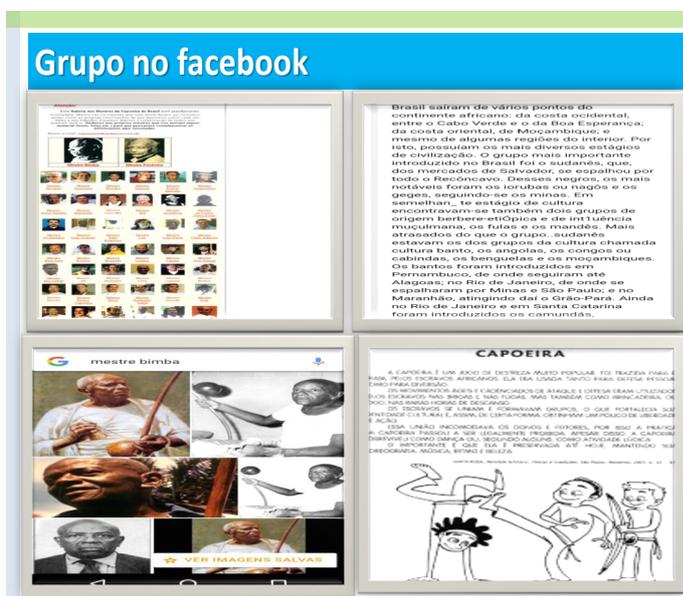
Metodologia

Ao colocar em prática o projeto, buscou-se apropriar das ferramentas utilizadas na abordagem cultural, deste modo, iniciou-se as aulas com a realização do mapeamento¹, buscando conhecer quais práticas corporais eram comuns para os educandos e quais eles haviam estudado até aquele momento, neste primeiro momento, na realização do mapeamento foi utilizado a oralidade, levando em conta então as conversas e questionamentos, indagando os discentes sobre quais esportes, brincadeiras, ginásticas, lutas e danças eles conheciam.

De acordo com os relatos dos alunos, notou-se a predominância do conhecimento de algumas práticas, como handebol, futsal, vôlei e basquete, no que diz respeito aos esportes, no quesito brincadeiras, destacaram-se a queimada, rouba bandeira, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha entre outras, já na modalidade dança, às líderes de citações foram o funk, hip-hop, sertanejo, reggae e pagode, poucos se referiram a ginástica, contudo citou-se hidroginástica, ginástica artística e musculação, quanto às lutas, mencionaram o boxe, **capoeira**, judô, caratê e jiu-jitsu. A intenção de realizar este procedimento é identificar quais práticas foram vivenciadas por esse grupo de estudantes, a fim de ampliar, aprofundar e acima de tudo reconhecer como legítimas às práticas corporais inferiorizadas pela sociedade.

Em sequência, houve a escolha do tema, usando sensibilidade em relação à opinião dos estudantes e ao objetivo proposto anteriormente, desta forma foi sugerido pelo docente, tematizar a capoeira, por motivos óbvios, no entanto respaldado pelas citações durante o mapeamento e por outras possíveis problematizações que podem desenvolver durante o estudo desta prática.

Antes de vivenciarmos a roda de capoeira, foi proposto aos estudantes a criação de um grupo no facebook, com o intuito de servir como acervo de informações sobre a temática abordada e registros das aulas, dessa forma, em concordância dos educandos o grupo foi criado, os mesmos postam diversas informações sobre o tema, algumas delas contraditórias, pois as informações, ora afirmam, ora negam as verdades sobre a capoeira.



¹ Segundo NEIRA e NUNES (2011, pag. 109), mapear quer dizer identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou no universo cultural mais amplo.

Nas aulas seguintes tentamos vivenciar uma roda de capoeira, utilizando os conhecimentos que os estudantes tinham sobre a prática, nos reunimos em círculo, batemos palmas e cantamos, alguns estudantes registraram este momento por meio de fotos.

Buscando identificar quais significados



Fonte: Dispositivo móvel de aluno

os estudantes atribuíam para a prática estudada, foi sugerido um bate-papo, contou com a participação de alunos de outras salas, isso foi possível porque esta aula

ocorreu no pátio da escola, sentamos no pátio e iniciamos a conversa, neste momento foi perguntado para cada um deles o que pensavam sobre a capoeira, grande parte dos estudantes disseram o que achavam da capoeira, e foi nesse momento, perante a fala de uma aluna que chegamos em uma questão de extrema relevância, e o que foi dito por ela, aproxima a capoeira com a religião, a

discente disse que a capoeira era semelhante a “macumba”, e então foi questionada sobre qual era o conceito de macumba?

Assim, alguns estudantes se posicionaram, disseram não saber o que era realmente, mas que se tratava de um ritual onde as pessoas fazem mal as outras, ainda indagadas foram, sobre se estavam referindo-se ao Candomblé e Umbanda, e afirmaram que sim, desta forma foi explicado para os estudantes que o Candomblé e a Umbanda são religiões, assim como as outras, e que as religiões em si, não fazem nem bem, nem tampouco mal, os sujeitos que se apropriam delas é que o fazem, mas tanto a capoeira quanto as religiões citadas tem vínculos com a cultura africana.

Em sequência ao que foi pensado anteriormente, postamos no grupo do facebook, dois vídeos, em um dos vídeos, a narrativa mostra dois homens Judeus Ortodoxos praticando capoeira, o outro um grupo de evangélicos fazendo uma roda de capoeira e cantando salmos, alguns estudantes também postaram textos sobre a capoeira e a questão religiosa.

Nas aulas seguintes, em sala de aula, voltamos a questionar os estudantes se após os vídeos e os textos, eles continuavam relacionando a religião com a capoeira, foi solicitado então que eles escrevessem suas impressões, o resultado foi diversificado, alguns estudantes passaram a afirmar ainda mais esta relação, enquanto outros afastavam a prática da capoeira da religião, conclui-se neste momento que as afirmações estavam pautadas naquilo que cada um dos estudantes haviam acessado antes ou durante o projeto, e que seria necessário outras intervenções e discussões a fim de ampliar as

possibilidades de olhar para capoeira.

A questão agora era como ampliar as discussões que possibilitem aos estudantes a



Fonte: Acervo fotográfico Prof^o João Paulo dos Reis Nery

reconhecerem as religiões (Candomblé e Umbanda) inferiorizadas, da mesma forma que reconhecem as religiões (Católica, Evangélica, Adventista) hegemônicas, sendo assim na aula seguinte o assunto foi retomado, buscando aproximar os rituais, narrativas e fazer comparações, levando os estudantes a refletirem o porquê existem essas diferenças.

Prosseguindo foi proposto a construção de uma linha do tempo e para realiza-la os alunos foram divididos em grupos, que realizaram pesquisas e socializaram suas informações por meio de seminário, a linha do tempo mostra a chegada dos escravos no Brasil, os Quilombos, a capoeira proibida, capoeira identidade cultural e capoeira patrimônio cultural, e a cada apresentação surgiam perguntas e curiosidades, que geravam novas problematizações, nestes momentos ocorrem intervenções, com intuito da utilização de pensamento compartilhado e jun-

tos discutimos, como construiu-se esse discurso que inferioriza a cultura africana.

Resultados

Após a realização do projeto e da construção da linha do tempo sobre a capoeira, notamos na fala de muitos, que quando nos referimos a capoeira ainda há muita divergência de opiniões e que as pesquisas aumentaram as possibilidades de olhar a prática estudada, é notório que os educandos começaram a compreender o porquê valorizamos certas culturas em detrimento de outras, e que é necessário reco-

nhecer outras formas de olhar para o mundo, isso fica nítido quando voltamos a fazer rodas de capoeira, concluímos então que parte do objetivo foi alcançado, o protagonismo e autonomia do aluno quanto ao detrimento da cultura afro-brasileira.

Considerações Finais

Entendemos que a inferiorização da cultura e história afro-brasileira, ocorrem ainda no ambiente escolar, sobretudo pela falta de conhecimento e contato com essas informações, não é apenas questão de preconceito previamente replicado.

Dessa forma, entendemos que para reverter conceitos infundados ou que contam com ódio e repúdio ao “diferente”, necessitamos de ampliação das abordagens, assim, respaldados pelo currículo oficial do estado e pela lei 10.639/03, a aprendizagem dos discentes será maior e poderemos colaborar para sua formação integral.

Referências Bibliográficas

NEIRA, M. G.; LIMA, M. E. de; NUNES, M. L. F. Educação Física e Culturas: ensaio sobre a prática. São Paulo, FEUSP, 2012.

BORGES, Marley de Fátima Morais. O Ensino de História, Cultura Africana e AfroBrasileira na Perspectiva da Lei Nº 10.639/03: Análise de Políticas Públicas na EE. Prof. Hélio Palermo, cidade de Franca SP. Dissertação (mestrado em Planejamento e Análise de Políticas Públicas). UNESP/Franca, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União. Brasília-DF, 10 jan. 2003, seção 1, p. 1.

_____. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas da promoção da Igualdade Social. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

_____. Lei nº 9.394 de 20 de novembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: Acesso em 10 jun.2013.

COLL, César. Psicologia e Currículo: uma elaboração psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1996.

SÃO PAULO (ESTADO) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias/ Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação da área, Paulo Miceli. São Paulo:SEE, 2010.

_____. Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, Códigos e suas tecnologias/ Secretaria da Educação; coordenação geral, Ghisleine Trigo Silveira; coordenação da área, Alice Vieira. São Paulo: SEE, 2010.

SILVA, Tadeu da Silva. Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo. São Paulo: Ed. Autêntica, 2011.

RELATO



SOBRE A AUTORA:

Juliana Ferreira é PEB II da EE José Monteiro Boa Nova, em classes vinculadas na Fundação CASA—Diretoria de Ensino Centro Oeste.

“PROJETO PARÓDIAS”, NAS AULAS DE MATEMÁTICA EM UM CENTRO DE INTERNAÇÃO DA FUNDAÇÃO CASA, VINCULADO À EE JOSÉ MONTEIRO BOA NOVA

Prof^a Juliana Ferreira

Introdução

Este relato de experiência visa apresentar brevemente um projeto de construção de paródias, em aulas de matemática, cujo objetivo foi melhorar o desempenho escolar na disciplina, nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio, através de músicas criadas pelos estudantes com fórmulas e definições matemáticas. A ideia surgiu após um diálogo com os alunos e a identificação de seus receios em relação à disciplina. Dessa maneira, o projeto também visou trabalhar “barreiras” em relação à matemática.

O trabalho foi realizado com estudantes matriculados em classe vinculada à Escola Estadual José Monteiro Boa Nova, da Diretoria de Ensino Região Centro-Oeste, em Centro de Internação da Fundação CASA – Vila Leopoldina¹. No desenvolvimento do projeto, foi possível contar com a colaboração de todos os funcionários do setor pe-

¹No portal da Fundação CASA, em junho de 2017, foi publicada uma notícia sobre o projeto: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=professora-do-casa-leopoldina-faz-par%C3%B3dia-para-estimular-os-ovens-&d=8028> Acesso em 30/11/2017.

dagógico e da direção do Centro.

A duração do projeto foi de um mês, que compreendeu a composição das músicas e os ensaios para apresentação:

1. Durante a primeira aula do projeto, apresentei a proposta aos alunos e disse que poderiam escolher as músicas que gostassem para parodiar. Com isso, em grande euforia eles em conjunto selecionaram algumas músicas. Após essa seleção, fomos conversando sobre o conteúdo trabalho em matemática até o momento do projeto. Dessa maneira, eles foram criando a letra, com conteúdos que dominavam em matemática e que se sentiam muito a vontade para falar. Vale relatar que a criação foi feita exclusivamente pelos alunos, eu, como professora, as escrevia na lousa e todos, sem exceção, foram contribuindo.
2. Depois da construção da letra, aprovada pela classe, levei alguns sons instrumentais das músicas escolhidas pelos alunos.
3. A partir daí ocorreram ensaios contagiantes! A unidade inteira foi “tomada” pelas músicas – os alunos cantavam nos horários de aula e fora também! Tivemos alunos que se ofereceram para dançar enquanto outros cantavam e faziam o som corporal.

A metodologia utilizada no projeto foi baseada, durante as aulas, no construtivismo, por meio da qual o educando traz suas bagagens e construímos conjuntamente, aprimorando as competências e habilidades.

No total, o projeto contou com a participação de aproximadamente 120 (cento e vinte) pessoas, sendo 100 (cem) deles estudantes em

situação de privação de liberdade – em cumprimento de medida socioeducativa em meio fechado.

Seguem algumas letras criadas no projeto:

Vai calculando!! (Paródia do funk “Vai embrasando”)

Chegou sexta feira

E são duas aulas.

Se esta travado pega o caderno e destrava

Que a professora ela é capacitada.

Então para! Pode fazer a tabuada

E não repara! Potência e raiz quadrada

Com o lápis, a caneta e a borracha,

Então apaga que essa conta “tá” errada

Com a juliana ela trava e destrava

Na mente dela já “tá” tudo calculado.

Vai calculando!!

Festa na sala (paródia do funk “Vem que vem”)

A matemática é importante pensamentos

sempre avante

Vou estudando, calculando e a juliana acelerando (vamo, vai)

O marcos vai embrasando e também multi-

plicando no passinho do romano

(vamo, vai)

(vamo, vai)

E a juliana ensinando a raiz e a potência es-

tamos simplificando

(vamo, vai)

Praticando e resolvendo as expressões e as

potências os perímetros somando (vamos,

vai)

**Potência do Zacarias (paródia do funk
"Oh novinha")**

O Juliana passa conta ai pra gente

A cada dia fico mais inteligente

Na divisão confesso tu tem moral

Você explodiu a lousa fiquei fora do normal

Então pega a tabuada

Faz a conta certa

Pega o resultado pra levar na mesa dela

Pra mostrar pra ela

**Que hoje deu uma vontade de fazer a conta
certa**

O resultado do projeto foi esplêndido! Os alunos se envolveram de maneira contagiante, em um contexto leve, com entusiasmo e extremamente aberto ao aprendizado, receptivos. Após a realização do projeto, percebo que os alunos estão muito receptivos à disciplina de matemática. Ocorreu uma nítida melhora no desempenho dos mesmos, além de união e trabalho em grupo – que aproximou esses alunos.



Figura: Projeto Paródias / Fundação Casa.

RELATO

FEUSP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP



DIRETORIA DE ENSINO
REGIÃO CENTRO-OESTE
DER CTO

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CÁRCERE— CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM DOCÊNCIA EM REGIMES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Prof. Fernando Cruz Lopes, Prof.^a Marineila Aparecida Marques e Prof. Roberto da Silva

Introdução

A Diretoria de Ensino Centro-Oeste (DECTO) está localizada na zona oeste da cidade de São Paulo e abrange uma área extensa da cidade com realidades distintas. A DECTO possui 75 Escolas públicas em sua jurisdição, sendo quatro delas Escolas vinculadoras (EV). Duas dessas escolas vinculadoras pertencem à Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA) e, as outras duas, ao Programa Educação nas Prisões (PEP). As divisões das EVs acontecem da seguinte forma: A EE José Monteiro Boanova dispõem das salas da CASA Leopoldina; a EE Oswaldo Walder é responsável por cinco CASA's que fazem parte do Complexo Raposo Tavares; a EE Lourival Gomes Machado é vinculadora do Centro Progressão Penitenciária Feminina (CPPF) do Butantã e, por fim, a EE Romeu de Moraes é a vinculadora do Centro de Detenção Provisória (CDP) de Pinheiros II e III. Desse modo, essa gama de realidades permite a DECTO possuir classes em todas as modalidades de atendimento, tanto

SOBRE OS AUTORES:

Fernando Cruz Lopes é Analista Sociocultural na Diretoria de Ensino Centro Oeste, Marineila Aparecida Marques é Supervisora de Ensino da Diretoria de Ensino Centro Oeste e Roberto da Silva é docente na Universidade de São Paulo (USP).

SOBRE O CURSO:

O curso resultou de convênio entre a FEUSP e a Diretoria Regional de Ensino Centro Oeste, para preparação de professores que atuam ou pretendam atuar em unidades de privação da liberdade na área de sua jurisdição, sejam elas unidades de internação da Fundação CASA ou unidades prisionais da Secretaria da Administração Penitenciária.

Foi realizado no período de 05/8/17 a 09/12/2017, com aulas aos sábados e em algumas quartas-feiras.

Foi o primeiro curso do gênero no país e inaugurou um modelo de formação continuada para docentes que atuam em regime de privação de liberdade.

no ensino regular, quanto na EJA.

Em 2016 a DECTO aproximou-se do Prof. Dr. Roberto da Silva, docente do Departamento de Administração Escolar e Economia da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP). Essa importante aproximação resultou no Curso de Aperfeiçoamento em Docência em Regimes de Privação da Liberdade, realizado no segundo semestre de 2017. A parceria com o Professor Roberto aconteceu devido a localização geográfica da DECTO, uma vez que a Diretoria jurisdiciona os arredores da USP e, portanto, abrange as unidades de privação de liberdade que fazem parte desse entorno. Vale ressaltar que apenas no CPPF e no CDP, há 5991 pessoas (SÃO PAULO, 2017) e não mais de 100 alunos. Há, ainda, os adolescentes da Fundação CASA, que tem a garantia da vaga na escola.

O Professor Roberto defende que a Universidade também precisa se responsabilizar por questões educacionais e devolver para a sociedade os resultados de sua produção, já que a extensão universitária faz parte da função básica do Ensino Superior, em conjunto com ensino e a pesquisa. Para o Professor Roberto da Silva e Carolina Oliveira (2016) “A extensão pode ser encarada, assim, como uma postura cidadã que a Universidade, sobretudo pública, assume diante da sociedade em que se insere, como instituição produtora e socializadora de conhecimentos”.

Como dito anteriormente, o Curso de Aperfeiçoamento nasceu da parceria entre a DECTO e a USP e resultou em um curso pioneiro no Brasil, com foco na prática docente de quem atua em espaços de privação da liberda-

de. A cargo da FEUSP, DECTO, Secretaria de Estado da Educação (SEE), Ministério da Educação (MEC), Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) e do Ministério da Justiça e Secretaria da Administração Penitenciária (SAP) o entendimento, apropriação e disseminação dessa prática.

Inicialmente, o curso existiu em caráter experimental, devido a diversidade de formações dos profissionais do Magistério dessa categoria e também porque se dispõe a receber outras pessoas interessadas em ingressar nessa modalidade. Por ser um curso de aperfeiçoamento, a carga horária mínima do curso é de 180 horas e, assim, foi estruturado em aulas presenciais e em atividades em modalidade EAD. As aulas aconteceram em todos os sábados do segundo semestre de 2017 e as inscrições foram exclusivas para professores da DECTO e funcionários da SAP e Fundação CASA atendidos pela Diretoria. Já as vagas remanescentes, foram oferecidas para a comunidades em geral.

Como proposta final do curso foi elaborado um material em conjunto com os professores inscritos. Para executar a tarefa editorial, um editor foi convidado a acompanhar todo o andamento do curso que, por consequência, ficou responsável por editar e publicar o material, enquanto proposta pedagógica.

Devido ao ineditismo do projeto, a proposta pedagógica será testada pelos professores participantes no ano de 2018. A DECTO se propôs a fazer um acompanhamento efetivo desses professores para que eles possam diagnosticar as deficiências e fragilidades das práti-

cas propostas, mas, principalmente, reforçar os aspectos que tenham bons resultados. Com isso, pretende-se entender quais são as frentes que precisam ser canalizadas na formação de professores atuantes na Educação em Regimes de Privação da Liberdade.

Para conseguir explorar todas as peculiaridades do assunto, as aulas tiveram os seguintes temas: Sistema Penitenciário Paulista; Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo (ministrado por Marisa Fortunato); Revisão dos dados e das características dos sistemas prisional e socioeducativo do Estado de São Paulo; Bases legais da Educação em Regimes de Privação da Liberdade (ECA, SINASE e DIRETRIZES, LEP, DIRETRIZES, PEESP); Revisão da legislação que compõe as bases legais da Educação em regimes de privação da liberdade; Organização e oferta da Educação nos regimes de privação da liberdade no Estado de São Paulo (ministrado pela Dra. Carolina Bessa Ferreira de Oliveira). Foi proposta ainda a discussão sobre as classes multisseriadas e suas implicações na Educação em regimes de privação da liberdade; Perfil de Escolaridade de Jovens e Adultos em Regimes de Privação da Liberdade no Estado de São Paulo e especificidades da EJA Prisional; Discussão sobre Avaliação de saberes não formais tendo como base o Artigo 37, parágrafos 1º e 2º da LDB e a Lei nº 13.415, de 2017); O PPP da Educação em Prisões; Coordenação, Supervisão e organização do trabalho docente; Discussão sobre Avaliação de saberes não formais tendo como base

o Artigo 37, parágrafos 1º e 2º da LDB e a Lei nº 13.415, de 2017); Meios e instrumentos de Avaliação Diagnóstica: os saberes não formais; Educação de Jovens e Adultos no Brasil; Aluno Leitor, Aluno Escritor.

Durante o período de finalização do curso, as aulas passaram a ser específicas por área de conhecimento, a saber: Anos Iniciais e Alfabetização, Ciências da Natureza, Matemática, Linguagens e Códigos e Ciências Humanas. As aulas específicas aconteceram nos respectivos laboratórios de práticas dessas áreas na FEUSP¹. Os docentes responsáveis pelos laboratórios receberam os professores e aplicaram discussões pertinentes a área e que fazem parte da realidade do Regime de Privação de Liberdade. O encerramento do curso foi pensado para ser um encontro e um espaço de disseminação das discussões realizadas, intitulado Encontro Estadual de Educação em Espaços de Privação de Liberdade. Dessa forma, a proposta pedagógica pode ser apresentada para todas as instâncias relacionadas e interessadas.

Por fim, o material produzido tem como objetivo propor aos professores e alunos a percepção de que a educação é um caminho responsável e ético e que o aprendizado e a apropriação de habilidades de letramento e leitura servirão também para o entendimento da realidade e para o crescimento pessoal.

¹Profª Drª Lúcia Sasseron – Laboratório de Física; Profª Drª Núria Hanglei Cacete – Laboratório de Ciências Sociais; Profª Drª Dislaine Zerbinatti – Laboratório de Ciências Sociais; Prof. Dr. Vício de Macedo – Laboratório de Matemática; Prof. Dr. Sandoval Nonato – Laboratório de Linguagens; Profª Drª Maria Clara Di Pierro – Educação de Jovens e Adultos

REFERÊNCIAS

SÃO PAULO. Secretaria de Administração Penitenciária. **Unidades Prisionais**. 2017. Disponível em: <<http://www.sap.sp.gov.br/>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

SILVA, Roberto da; OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de. Educação nas Prisões e Universidade Pública: Reflexões Sobre o Papel da Extensão Universitária. **Revista Cultura e Extensão USP**, São Paulo, v. 15, p. 85-95, maio 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/117051/114649>>. Acesso em: 07 out. 2017.

ARTIGO



RESILIÊNCIA: TRABALHANDO VALORES

Prof.ª Charlye Melissa Sant'Anna Ribeiro e Prof. Alex Rodolfo Carneiro

Introdução

Um dos desafios contemporâneos da escola é contribuir para a formação moral e ética dos alunos-cidadãos. É fundamental que, nos espaços educativos, seja construída e problematizada a participação do indivíduo na vida pública - o que demanda a consciência de realidades, conflitos e interesses individuais e sociais, o conhecimento de mecanismos de controle e defesa de direitos e a noção dos limites e das possibilidades de resolução de conflitos através do diálogo além do desenvolvimento da resiliência, característica cada vez mais necessária, principalmente nas comunidades vulneráveis.

Como ninguém nasce cidadão, a ideia de participação social precisa ser permanentemente construída. Há vários caminhos para ensinar normas, valores e atitudes passíveis de (re) organizar as relações para uma convivência justa e pacífica. O trabalho educacional que mobiliza conteúdos atitudinais está nas ações cotidianas e faz parte dos objetivos de aprendizagem constantes, inclusive, do Projeto Político Pedagógico da escola. Diversas atividades pedagógicas levam a reflexões e ao entendimento crítico dos eventos que ocupam e preocupam a vida em sociedade; além disso, faz-se necessário a criação de uma nova cultura escolar, pois a escola é a primeira grande experiência social do indivíduo fora da família, cumprindo, assim, seu papel

RESUMO:

O Projeto visa à inserção assertiva dos alunos em cumprimento de medida socioeducativa e de suas famílias na escola, numa perspectiva de pertencimento e igualdade, sendo composto de cinco etapas e com a adesão de 100% de alunos e familiares nessa situação. Esse índice foi alcançado principalmente pelas parcerias firmadas com o CREAS e com a Rede de Proteção da Diretoria de Ensino da Região de São José dos Campos, que incentivam e subsidiam as ações executadas.

A inserção assertiva, o pertencimento, a participação familiar e a valorização dos avanços foram fundamentais para alcançar os objetivos de melhoria no rendimento e frequência escolar e principalmente nos casos de indisciplina e violência, refletindo-se, inclusive, em mudanças sociais locais

social.

De acordo com a nossa Constituição Federal de 1988, são fundamentos do nosso Estado Democrático de Direito: “a soberania, a *cidadania*, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, o pluralismo político” (BRASIL, 2015, art. 1º - grifo nosso). Em consonância com a carta magna de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases (n. 9.934/96), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, entende que a educação deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social, tendo “por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o *exercício da cidadania* e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, art. 2º - grifo nosso), além de ser um processo de formação e desenvolvimento dos indivíduos que abrange: a “vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, *nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil* e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996, art. 1º - grifo nosso). Para os propósitos deste projeto, e de acordo com a linha teórica adotada nesta rede, amparados na LDB e, concomitantemente, os diferentes tipos de PCN, dão ênfase a essa necessidade de educar os indivíduos, homens e mulheres, para o exercício pleno da cidadania vinculada ao mundo da vida e da realidade social, pois, “Homens e mulheres não nascem com o conhecimento das leis, dos direitos e dos deveres da cidadania, o que pressupõe um longo processo de socialização e de escolarização” (RIBEIRO, 2002, p. 124). Um modelo teórico onde a educação “é reconhecida, pela maior parte dos autores que tratam da cidadania, como um direito essencial enquanto propiciador das condições necessárias à inclusão no espaço público”. (RIBEIRO, 2002, p. 124).

A preparação para o exercício da cidadania aparece em vários momentos da LDB e dos PCN, desde a educação básica, quando afirma que esta: “tem por finalidades desenvol-

ver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, art. 22º):

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social

(BRASIL, 1996, art. 32º)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam para a necessidade de que “a Educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios Democráticos” (BRASIL, 1997, p. 13), fazendo com que a escola se transforme em um espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, propondo o debate e discussões de temas como: “a dignidade do ser humano, a igualdade de direitos, a recusa categórica de formas de discriminação, a importância da solidariedade e do respeito” (BRASIL, 1997, p. 27).

A importância (e até necessidade) de usar o espaço escolar para trabalhar temas ligados à questão da cidadania “refere-se à possibilidade de o aluno perceber-se como parte de uma comunidade, de uma classe, de um ou vários grupos sociais e de comprometer-se pessoalmente com questões que considere relevantes para a vida coletiva” (BRASIL, 1997, p. 47), superando o individualismo que impera na nossa sociedade e criando condições para um “pensar coletivo” essencial ao desenvolvimento da sociedade. Por essa razão, o PCN estabelece como objetivos do ensino escolar: compreender a cidadania como Participação social e

política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito [...] desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania (BRASIL, 1997, p. 69).

A utilização do espaço escolar como forma de preparação para o exercício da cidadania é algo que deve acontecer em todos os momentos do processo de formação dos educandos, desde a educação infantil até a sua etapa final que é o ensino médio. Este último também deve conter “elementos indispensáveis ao exercício da cidadania e não apenas no sentido político de uma cidadania formal, mas também na perspectiva de uma cidadania social, extensiva às relações de trabalho, dentre outras relações sociais” (BRASIL, 2000, p. 12).

O adolescente na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. Singularidades presentes nas características de cultura, de etnias, de regiões, de famílias, são de fato percebidas com mais clareza quando colocadas junto a outras. A percepção de cada um, individualmente, elabora-se com maior precisão graças ao Outro, que se coloca como limite e possibilidade. Limite, de quem efetivamente cada um é. Possibilidade, de vínculos, realizações de “vir-a-ser”. Para tanto, há necessidade de a escola instrumentalizar-se para fornecer informações mais precisas a questões que vêm sendo indevidamente respondidas pelo senso comum, quando não ignoradas por um silêncio constrangimento.

É importante tratar da cidadania a partir de atitude de valorização da solidariedade como princípio ético, como fonte de fortalecimento recíproco, de respeito mútuo a pluralidade cul-

tural e aos Direitos Humanos, oferecendo às crianças e aos adolescentes meios para compreender que todos têm direitos de cidadania, independente de raça, cor, sexo, etnia.

Sendo a nossa sociedade marcada por um profundo nível de desigualdades, injustiças, preconceito e exclusão social e em que boa parte da população não tem acesso a condições de vida digna, é fundamental que cada indivíduo, homens e mulheres, possam ter uma participação mais direta nas decisões que determinam os rumos da vida social, diferente do atual modelo de sociedade caracterizado por uma cidadania excludente e regulada por grupos minoritários que determinam as diretrizes políticas e sociais no nosso país. Efetivação de direitos, atores sociais, redefinição do espaço público e das instituições públicas devem ser a tônica de um novo modelo de sociedade efetivamente democrática. O exercício pleno da cidadania é a única forma de combater a marcante desigualdade social e econômica da nossa sociedade e a consequente exclusão de boa parte da população na participação dos direitos e deveres. Uma cidadania ativa, que se efetiva no cotidiano de cada cidadão e cidadã, conquistada através de lutas sociais e participação consciente dos indivíduos, pois “a formação da cidadania se faz, antes de tudo, pelo seu exercício: aprende-se a participar, participando. E a escola será um lugar possível para essa aprendizagem se promover a convivência democrática no seu cotidiano” (BRASIL, 1998a, p. 37). Uma escola onde a cidadania possa ser praticada, pois a escola tem meios de desenvolver essa prática para trabalhar com o aluno não só a busca e acesso à informação relativa a seus direitos e deveres, como o seu exercício. Da mesma forma, identificar e desenvolver alternativas de cooperação na melhoria da vida cotidiana na escola, na comunidade, na família é uma forma de prática de cidadania, no espaço imediato de vivência (BRASIL, 1998b, p. 164).

Saviani (2000, p.35) questiona "(...) a

educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?" E continua sua indagação ao refletir "(...) uma visão histórica da educação mostra como esta esteve sempre preocupada em formar determinado tipo de homem. Os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas. Mas a preocupação com o homem é uma constante".

Essa preocupação norteou o Projeto Resiliência, posto que vivemos hoje, na escola, a exclusão dos incluídos. A escola é para todos e, de modo geral, não há mais tantas dificuldades no acesso. O desafio está na permanência e na permanência com sucesso. Garantir ao aluno que se encontra em cumprimento de medida socioeducativa a possibilidade do sucesso escolar é mais do que cumprir um dispositivo legal. É garantir a profunda mudança social que tanto desejamos.

"(...) sem ingenuidade, cabe reconhecer os limites impostos pela exploração, pela exclusão social e pela renovada força da violência, da competição e do individualismo. Assim, se a educação e a ética não são as únicas instâncias fundamentais, é inegável reconhecer que, sem a palavra, a participação, a criatividade e a política, muito pouco, ou quase nada, podemos fazer para interferir nos contextos complexos do mundo contemporâneo. Esse é o desafio que diz respeito a todos nós".

(RIBEIRO; MARQUES; RIBEIRO 2003, p.93).

Descrição da prática:

A E.E. Prof. Dorival Monteiro de Oliveira- Diretoria Regional de São José dos Campos está localizada na zona Leste de São José dos Campos/SP, atendendo em média seis bairros, com uma clientela marcada pela alta vulnerabilidade social.

A escola é composta por cerca de 1600 alunos, 80 professores e 30 funcionários. A

maioria dos professores e funcionários é efetiva e há tempos atuam nesta unidade, conseguindo assim acompanhar as transformações locais e sociais que impactaram na cultura dessa escola.

Uma das transformações que ocorreram foi o aumento significativo de alunos regularmente matriculados que estão em cumprimento de medida socioeducativa e as implicações decorrentes tanto no processo de ensino-aprendizagem quanto na cultura escolar.

Paralelamente, os dados mostravam o aumento da evasão escolar e da repetência. Quando os dados foram individualizados, notou-se que 98% dos alunos em cumprimento de medida socioeducativa apresentavam-se em situação de evasão escolar ou se permaneciam na escola, eram reprovados pelos baixos rendimentos apresentados ao longo do ano letivo.

A princípio, a equipe gestora levou essa questão para o Planejamento Escolar, a fim de criar estratégias para a melhora do aproveitamento escolar dos alunos nessas condições.

As ações sugeridas pelo grupo de professores foram pautadas na necessidade de ampliarmos o atendimento a fim de ofertar aulas de reforço escolar, pois a grande maioria desses alunos apresenta déficit de aprendizagem, não conseguindo acompanhar o Currículo do ensino Médio; Além disso, foi proposto trabalhos em sala de aula com agrupamentos positivos e produtivos, monitoria e a recuperação contínua e paralela.

Em seguida, a equipe gestora levou o caso para discussão com os Colegiados: Grêmios, APM e Conselho de Escola. Na ocasião a Comunidade Escolar pode contribuir com soluções e estratégias: O Conselho de Escola, de forma unânime, deliberou por aulas de reforço em conjunto com as de Reposição, que já ocorriam aos sábados. A APM comprometeu-se em estimular a participação das famílias nos colegiados e dar suporte aos pais/ responsáveis que se encontram fragilizados nessa situação. O

Grêmio Estudantil apontou que antes das aulas de reforço os alunos e suas famílias deveriam ser acolhidos pela escola; que era preciso cativar os alunos nessa situação e incentivar o gosto pela aprendizagem e fazer que os alunos acreditassem verdadeiramente que a educação é o que transforma a realidade. Dessa forma, nascia o Projeto Resiliência: Trabalhando Valores. As etapas do projeto foram amplamente discutidas em todos os segmentos e as contribuições da Comunidade foram valorosas.

A Comunidade Escolar decidiu que iria mudar o mundo. A começar pela escola.

Todas as ações planejadas tinham como referência a premissa: Como ressignificar a escola para os alunos que estão em cumprimento de medida socioeducativa?

Metodologia:

A partir dos apontamentos feitos pelo Grêmio Estudantil, desenvolvemos em conjunto com a Comunidade Escolar as etapas do projeto que seguem:

Planejamento:

A necessidade de se firmar parcerias que subsidiassem as ações foi o ponto de partida. As formações e suportes da Rede de proteção Escolar da Diretoria de Ensino e as ações conjuntas com o CREAS foram determinantes para o sucesso do projeto e para o entendimento dos alunos e seus familiares da importância do trabalho em Rede.

As etapas foram elaboradas de modo a atender as sugestões da Comunidade Escolar objetivando contemplar todos os desafios elencados.

1º etapa: Acolhimento - Sugestão Grêmio Estudantil:

Os alunos e suas famílias foram convidados a participar de uma reunião com a equipe gestora, o Grêmio, a rede de proteção da D.E. (representada pelo PCNP Alex e Vicente), o

Creas (representado pela pedagoga Mariza), o Conselho Tutelar (representado pela Conselheira Neci) com a finalidade de “conhecer e reconhecer” parceiros; de trocar experiências e expor anseios. Nesta proposta, foi feita uma escuta ativa das impressões que os alunos e os pais têm da escola e o que poderia ser feito para que pais e alunos desenvolvessem o pertencimento pela escola. Foi realizada uma breve dinâmica com pedras e chocolates que tinha o objetivo de evidenciar as possíveis transformações que podemos realizar em nossas vidas a partir da Educação.

2º etapa: Estratégias para o Futuro- Sugestão Conselho de Escola

Através do levantamento de dados internos, observou-se que uma grande parte dos alunos que cumprem medidas socioeducativa recorre em atos infracionais. Na busca das causas desse fenômeno, os alunos listaram a defasagem e déficit de aprendizagem como a principal causa da dificuldade de inserção no mundo do trabalho, fato que faz com que sejam atraídos pelo tráfico de drogas- que representa a principal infração cometida pelos alunos desta comunidade.

A escola ofereceu aulas aos sábados, priorizando a Língua Portuguesa e a Matemática, trabalhando com monitoria e agrupamentos positivos e produtivos para diminuir a defasagem desses alunos e estimular a frequência e o comprometimento com as aulas regulares; pois os alunos apontaram que, por não conseguirem acompanhar os conteúdos ministrados, muitas vezes incorrem em evasão escolar.

3º etapa: Autoestima e Reconhecimento- Sugestão Corpo docente

As famílias são convidadas a participar ativamente do Conselho Participativo de Classe. Esse momento é de grande importância para avaliar as estratégias dos diversos segmentos da escola e propor novos caminhos para que o

maior objetivo da escola, que é a aprendizagem, se concretize, mas também para reconhecer os avanços, os esforços sempre numa perspectiva de acreditar que os resultados podem ser cada vez melhores. Os alunos relatam que a valorização dos esforços por parte da família e dos professores é o combustível para que busquem ser melhores a cada dia.

4° etapa: Aprender a Conviver- Sugestão Grêmio Estudantil

Foi proposta uma roda de conversa, para que os alunos tivessem a oportunidade de expor as causas da dificuldade no cumprimento das normas e regras imposta na vida em sociedade e qual a importância dessas normas no dia-a-dia. Foi desenvolvida uma dinâmica nomeada “entrelaçada” para exemplificar e simbolizar o mundo sem regras e fazer um comparativo, levando-os a compreensão da necessidade do cumprimento das normas nos variados níveis de convivência social.

5° Etapa: Escolha- Sugestão Rede de Proteção/ CREAS

A etapa foi desenvolvida em parceria com a Unip, sob a supervisão de Lauren Menocchi, que disponibilizou a estagiária de Psicologia Mariana Pessoa Freitas para o desenvolvimento das atividades.

Essa etapa objetiva atuar em 3 frentes: Professores, Famílias, Alunos.

Professores: Desenvolvimento de “Plantão Institucional”: Trata-se de um momento de escuta do professor, onde ele tem a oportunidade de trazer suas queixas, conflitos e dificuldades e também de compartilhar as boas práticas didáticas ou de gestão de sala de aula. Entendemos como necessário cuidar daquele que cuida de todos e criar espaços para que o professor também se sinta ouvido e atendido nas suas necessidades, para que tenha condições de realizar cada vez melhor seu trabalho.

Alunos: Foi desenvolvida orientação profissio-

nal numa perspectiva de construção de plano de vida, elaboração de estratégias e autocohecimento, priorizando o atendimento dos alunos matriculados no 1° ano EM em cumprimento de medida socioeducativa objetivando a construção de uma nova cultura escolar.

Famílias: O trabalho com as famílias se dará em duas etapas de devolutivas, em encontros individuais onde serão discutidos as expectativas, anseios e dúvidas sobre a vida profissional e o plano de vida dos seus filhos.

Resultados

Os resultados das ações desenvolvidas no projeto superaram as expectativas. A totalidade da adesão no projeto refletiu-se não apenas na melhora do desempenho escolar, na ausência de alunos participantes do projeto em situação de evasão escolar, mas também na diminuição da indisciplina e violência em âmbito escolar. Os reflexos da mudança de comportamento extrapolaram os muros da escola, tendo hoje uma diminuição significativa de violência e/ou atos infracionais de natureza diversas no entorno da escola, beneficiando assim a comunidade como um todo.

A necessidade de se firmar parcerias que subsidiassem as ações foi o ponto de partida. As formações e suportes da Rede de proteção Escolar da Diretoria de Ensino e as ações conjuntas com o CREAS foram determinantes para o sucesso do projeto e para o entendimento dos alunos e seus familiares da importância do trabalho em Rede.

Além disso, as Igrejas Católica e Evangélica, a SAB e a UBS se fazem presente nas rodas de conversa, contribuindo positivamente nos temas desenvolvidos semanalmente.

A divulgação pelo Grêmio estudantil das ações transformadoras através das redes sociais tornou o projeto não apenas da Escola ou do Grêmio, e sim de toda a Comunidade local e incentiva outras Unidades Escolares a

conhecer e implantar projetos tão significantes que impactam na vida em sociedade.

Considerações Finais

Devido ao sucesso apresentado nos resultados parciais, na expectativa de que os alunos atinjam o sucesso escolar e construam-se a cada dia cidadãos críticos e ativos, com protagonismo não apenas no processo ensino-aprendizagem, mas também e principalmente na vida em sociedade- como autores do seu destino e responsáveis pelas transformações sociais que tanto almejamos- intencionamos manter e ampliar o projeto para atender não só os alunos que cumprem medida socioeducativa mas inclusive aqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, de forma preventiva, a fim de que o número de alunos da nossa comunidade em cumprimento de medida diminua gradativamente.

Em continuidade do projeto, os alunos participantes desse ano farão junto com o Grêmio Estudantil o acolhimento dos próximos participantes, estimularão a participação dos colegas e contribuirão nas rodas de conversa.

As parcerias com o CREAS e com a Rede de Proteção, as Igrejas, a SAB e a UBS serão estendidas para o Conselho Tutelar e Vara da Infância e Juventude, que já demonstraram interesse numa participação mais ativa no Projeto Resiliência.

As ações do Grêmio estudantil, inclusivas e acolhedoras, se desdobram em outros projetos que visam à valorização da escola como espaço de construção humana permanente, no sentimento de pertencimento escolar e no prazer de aprender.

Referências

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988. 292, arts.1,2,5,32,204-208.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Aquino, Julio Groppa. **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas**. Ed. Summus, 1996.

La Taille, Yves de. **Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ação do professor**, Ed. Mediação, 2006.

Nunes, Antônio Ozório. **Como restaurar a paz na escola**. Ed. Contexto, 2011.

RIBEIRO, Marlene. **Educação para a Cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais**. São Paulo. Educação e Pesquisa, 2002, p.124.

SANTOS, B. et al. **A família em nossa sociedade de conflitos**. São Paulo: Paulinas, 1980.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação**. 3.ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2000. (Educação contemporânea).

VICENTE, C. M. **O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo**. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.).

ARTIGO



DIÁLOGOS SOCIAIS NO BANCO ESCOLAR: DISPARIDADE DE GÊNERO EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Prof.^a Ieda Lúcia Raimundo de Oliveira

Introdução

O processo de construção de um arcabouço de conhecimento que direcione, efetivamente, o aluno para a alameda da cidadania, promovendo seu pleno desenvolvimento, indubitavelmente, perpassa, além do conteúdo curricular, pelo caráter dialógico acerca das questões engendradas e perpetuadas nas relações humanas, especialmente, nas suas desigualdades sociais, políticas e culturais.

Um novo olhar – este foi o contorno de todo o projeto que buscou o entendimento, ou respostas, para as interrogativas do imaginário do alunado acerca das questões de gênero. Na compreensão de que as salas de aulas representam recortes da

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.”

(FOUCAULT, Michel).

RESUMO:

Em uma esteira histórica, no caminho das disparidades étnicas, raciais, de classes e sexistas nas sociedades, estudantes do Ensino Fundamental II, sétimos anos da E.E. Professor Alfredo Gomes – DER NORTE 2, recortam como objeto de estudo, e todas as suas transversalidades, as questões do feminino e masculino, sobretudo, o papel da mulher, historicamente subestimada no direito, na justiça, na política, na vida privada e na vida pública nas sociedades patriarcais e falocêntricas. Na apropriação do entendimento de que as desigualdades de gêneros não são naturais, mas, sim, produzidas culturalmente, os alunos fomentam ações que colocam à luz a necessidade do protagonismo de valores humanos na comunidade escolar e na vida.

SOBRE A AUTORA:

Historiadora, pós-graduada em História e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, formada em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero, professora de História na E.E. Prof.º Alfredo Gomes – DER Norte 2 e de História e Filosofia na E.E. Prof.º Paul Hugon – DER Norte 2.

sociedade, estava estabelecida a prerrogativa de inferir, afinal, processos representativos das desigualdades entre gêneros na História do Brasil e do mundo, desde as matrizes gregas. Dessa forma, incentivar análises críticas em todos os âmbitos da contemporaneidade; despertar no aluno movimentos para uma consciamente atuação no meio que vive, promovendo, desta maneira, a alteridade entre os sujeitos.

Mais do que o aprender sobre as formas de violências contra a mulher, o aluno necessita se observar na construção de uma sociedade plural para que possa acender a centelha de esperança de viver em um mundo equalizado, justificando, neste contexto, a fundamental importância da aproximação dos Direitos Humanos em todos os processos do aprendizado.

Os estudos e debates sobre o papel da mulher, suas representações e contribuições na construção da História, ocorreram por meio de ferramentas como documentos históricos, música, poesia, literatura, currículo, teatro, obras de arte, cinema e todas as exposições epistemológicas apresentadas em sala de aula.

Do projeto nasce a escrita de textos cuja estrutura expressa o desejo do contínuo diálogo sobre as questões sociais no banco escolar. Os alunos, sentindo-se transformados, acreditam que suas ações possam contribuir para libertação das mentalidades que ainda resistem às mudanças, então, fazer despertar a esperança insepulta de viver em uma sociedade diversificada e altera. Isto colocado como imperativo, ou à guisa de avaliação, reafirma a sua força de cidadãos em uma esteira na qual

as miserabilidades sociais sejam, algum dia, findas. Sobretudo, o projeto não residiu tão somente sobre as diferenças sociais e culturais entre feminino masculino, mas em um espaço para reflexão acerca da emancipação humana. A E.E. Professor Alfredo Gomes – DER Norte 2 - está localizada em um bairro da periferia da cidade, Bela Vista. A maior parte das pessoas da comunidade escolar reside nas imediações da escola, incluindo gestores, professores e funcionários. Este fato coloca muitos no reconhecimento social comum.

O projeto desenvolvido, de abril a outubro de 2017, contemplou cerca de 150 alunos dos sétimos anos. Esses alunos, chegaram ao sexto ano, 95% deles, alfabetizados e com saberes relevantes. No percurso dos trabalhos, problemas disciplinares e de aprendizagens são desafios presentes nos processos de ensinar e aprender, mas, justamente isso, impulsiona educando e educador a construir e fortalecer bases edificantes para os pilares da Educação: aprender a aprender, aprender a pensar, aprender a ser, aprender a conviver. Esta construção precisa se manter viva, em constante movimentação.

Em tempos de revoluções tecnológicas, ensinar e aprender com os nativos desta Era, provoca rompimentos em diversas permanências, dessa forma, promove nos professores e professoras outras bases positivas no processo educacional, que precisam ser inovadoras, sedutoras e caminhar nas alamedas da sensibilidade e do dinamismo.

As turmas que participaram do projeto são formadas por alunos que têm, em média,

doze anos. Seus pais estão na faixa de trinta até quarenta anos. Alguns deles moram com avós maternos ou paternos e muitos estão em famílias constituídas por meio de segundas ou terceiras uniões dos seus pais. Vivem com madrastas, padrastos, tios, tias; ou educados e criados apenas por suas mães.

São meninas e meninos, na medida do que observo, caminhando para uma adolescência tranquila, mas com as inquietações que estão no “crescer” de cada um.

Noventa por cento deles possuem aparelhos celulares, no entanto, poucos com internet móvel. Os poucos com internet móvel compartilham roteadores. Isto facilitou as suas buscas e pesquisas, em sala de aula, de todas as temáticas que passaram no projeto.

Em cada sala de sétimo ano, descobri que existem, pelo menos, três alunos com habilidades para música. Tocam instrumentos como violão, violino, teclado e têm vozes afinadas. Aproveitamos as competências para formar um grupo musical, “Questão de Gênero”. (Imagens) Muitos frequentam e fazem cursos em Fábricas de Cultura. Alguns praticam judô e estudam Libras. Embora com alguns erros de gramática e organização das ideias, gostam muito de produzir textos. São bastante criativos.

O projeto aconteceu em todos os espaços que a escola oferece, além das salas de aula: quadra esportiva, pátio, salas de informática, de vídeo, de leitura e de Arte.

PLANEJAMENTO

Semanalmente, como caminhos metodológicos, organizo Rodas de Conversa com

meus alunos. Nas Rodas, os assuntos contemporâneos, no Brasil e no mundo, estão sempre presentes nos diálogos críticos e reflexivos dos envolvidos. As conversas são delineadas por minha observação e mediação.

Motivada pelas inquietações dos alunos em relação às questões sociais, políticas, econômicas e culturais atuais, especialmente no que diz respeito às temáticas relacionadas a gênero, e às vozes silenciadas na História, consideradas pelos alunos os fios condutores de todas as discussões, fomentei um projeto que pudesse contemplar a construção de saberes históricos acerca da fundação dessas questões.

No andar do segundo bimestre, uma Roda específica, “A violência contra a mulher em uma esteira história” provocou muitas indagações, poderia dizer indignações, no alunado. Tive dificuldades para fechar o assunto com minhas ponderações. Frente aos questionamentos, nasce a necessidade efetiva de produzir ações individuais e coletivas com o objetivo de deslegitimar o preconceito, discriminação e as hierarquias de gênero engendradas na História.

Nesse contexto, coloquei em minha prancheta o projeto nominado “Diálogos Sociais no Banco Escolar: disparidade de gênero em uma perspectiva histórica”. Mostrei o título para os alunos. Pedi-lhes, de forma democrática, outras sugestões de nomes, no entanto, pediram-me que conservasse o que criei. A partir disso, iniciamos a execução do planejamento dos trabalhos. Ficamos combinados que todos os conhecimentos apreendidos em nossas aprendizagens seriam utilizados como instrumentos críticos e reflexivos para a construção

de uma sociedade melhor.

O ponto de partida se deu com os textos - orais e escritos - dos estudantes sinalizando opiniões sobre as diversidades de gênero, suas especificidades, incluindo eventuais soluções para os problemas carregados pelas disparidades históricas entre o feminino e masculino, em uma esteira que correu desde as matriizes gregas até a contemporaneidade, em tempos da Lei Maria da Penha.

A estrutura epistemológica do projeto foi permeada por pesquisas bibliográficas, leituras biográficas de mulheres, obras de Arte (mulheres retratadas por Henri de Toulouse-Lautrec e Miguel Rio Branco – visitadas no MASP), músicas (três específicas: Ai, que saudade da Amélia, Mário Lago, Desconstruindo Amélia, Pitty e Triste, louca ou má, Francisco, el Hombre), imagens da internet, entrevistas, poesias, redes sociais, filmes, documentários e um artigo pessoal em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364181278_ARQUIVO_ElatambemloutouOpapeldamulhernalutaarmadacontraoregimemilitar19701985.pdf

Nas incursões pelas temáticas das mulheres, invisíveis como construtoras da História nas sociedades patriarcais, é colocada uma lente na questão das mulheres negras.

“Se já é difícil ser mulher em uma sociedade patriarcal de brancos, imagine ser mulher negra nesta mesma sociedade, professora!”

(Aluna Ana Beatriz)

No elenco das ações projetadas: aulas expositivas, currículo, textos dos livros didáticos, apresentação Power Point sobre o feminismo e os movimentos de mulheres na História, rodas de debates, entrevistas com pessoas da comunidade escolar (incluindo familiares), elaboração de cartazes e intervenções artísticas na hora do intervalo.

DESENVOLVIMENTO

Segundo (PERROT, 1988:186), “O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um”. À mulher era delegado o espaço da casa, da maternidade e do magistério. O homem assumia cargos de poder, como a política, a medicina etc. Nesse período, os homens ainda eram ensinados a olhar as suas mães e esposas como outras “Marias”, isto é, como “santas”.

“Os deuses criaram a mulher para as funções domésticas, o homem para todas as outras. Os Deuses a puseram nos serviços caseiros, porque elas suportam menos bem o frio, o calor e a guerra. As mulheres que ficam em casa são honestas e as que vagueiam pelas ruas são desonestas”.

(Xenofonte: 427 –355 a.C.)

O que diziam os alunos que participaram do projeto Diálogos Sociais no Banco Escolar: disparidade de gênero em uma perspecti-

tiva histórica?

“Essa coisa de discutir quem pode mais é igual discutir racismo. Parece que nada muda.”

(Aluno do 7º D)

“Meu pai trata minha mãe com igualdade. Meu avô considera a minha vó uma pessoa frágil, como devem ser as mulheres, opinião dele. Acho que alguma coisa mudou.”

(Aluno do 7º ano E)

“Minha mãe apanha do meu pai. Minha tia apanha do meu tio. Minha vó apanhava do meu avô. Meu futuro é apanhar de algum homem, professora?”

(Aluna do 7º ano A)

“Bacana, professora, a senhora falar do feminismo como equalizador das sociedades, mas depois de tanto machismo na História, eu sou mesmo é femista.”

(Mãe de uma aluna do 7º D)

“Sabem o que é ser uma menina negra, ter que se mostrar mais inteligente que as outras, alisar o cabelo para se enquadrar e ser “bocuda” para sobreviver no meio de brancas de olhos claros? Sabem nada!”

(Aluna do 7º ano D)

Após a decisão coletiva em fomentar um projeto no qual pudéssemos visitar as questões da mulher na História, violências sociais, morais, físicas, psicológicas, sexistas, privadas

e públicas, elenquei algumas etapas para o seu desenvolvimento:

Depoimentos escritos e orais dos alunos e seus familiares

A partir da pergunta “Qual a importância de discutir as questões de gênero no banco escolar”, os alunos produziram textos, primeiro no coletivo e depois individualmente. Como lição de casa, deveriam ler estes textos para os seus responsáveis e trazer para mim as suas considerações. Só após essa ação, me entregariam o texto.

Os depoimentos orais aconteceram de forma livre. Os alunos que quisessem falar sobre o assunto, deveriam me procurar nos intervalos ou em minhas aulas vagas para que eu pudesse gravar o vídeo. Muitos deles me procuraram sozinhos, outros vieram em dupla, ou em grupos de quatro, cinco, seis ou sete alunos e alunas.

Apresentação Power Point da esteira por onde correm as questões das diferenças, e violências, históricas entre feminino e masculino:

Título da Apresentação: *A violência contra a mulher: uma perspectiva histórica. O papel da mulher na sociedade patriarcal – da Grécia à contemporaneidade.*

A apresentação foi na sala de informática. Os alunos poderiam fazer quaisquer interferências, no momento da apresentação. No seguimento, aconteceriam os debates com inscrições prévias e organizadas.

Fiz uma eleição de frases ditas, cronologicamente por personagens e documentos históricos, com o objetivo de construir a “rua”

das disparidades entre a mulher e o homem na História.

Recortei alguns desses documentos:

- Constituição Nacional Suméria (civilização mesopotâmica, século XX A.C.) - "A mulher que se negar ao dever conjugal deverá ser atirada ao rio."
- Código de Hamurabi - "Quando uma mulher tiver conduta desordenada e deixar de cumprir suas obrigações do lar, o marido pode submetê-la à escravidão. Esta servidão pode, inclusive, ser exercida na casa de um credor de seu marido e, durante o período em que durar, é lícito a ele (ao marido) contrair novo matrimônio."
- Péricles (político democrata ateniense, século V A.C., um dos mais brilhantes cidadãos da civilização grega) - "As mulheres, os escravos e os estrangeiros não são cidadãos."
- Henrique VIII (rei da Inglaterra, chefe da Igreja Anglicana, século XVI) - "As crianças, os idiotas, os lunáticos e as mulheres não podem e não têm capacidade para efetuar negócios."
- Jean-Jacques Rousseau (escritor francês, precursor do Romantismo, um dos mentores da Revolução Francesa, século XVIII) - "Enquanto houver homens sensatos sobre a terra, as mulheres letradas morrerão solteiras."
- Napoleão Bonaparte (imperador francês, século XIX) - "*As mulheres nada mais são do que máquinas de fazer filhos.*"
- Friederich Hegel (filósofo e historiador alemão do século XIX) - "A mulher pode ser

educada, mas sua mente não é adequada às ciências mais elevadas, à filosofia e algumas das artes."

O texto em itálico, de Napoleão Bonaparte, inexplicável e coincidentemente, causou certa revolta em todas as turmas. Entretanto, puderam entender o quanto é importante visitarmos o passado para o entendimento do presente, assim então, projetarmos um futuro melhor.

Os diversos tipos de violências que acometem a mulher na sociedade

Em aula expositiva, com auxílio de cartilha do Ministério Público do Estado de São Paulo, "Mulher, vire a página", os alunos entenderam os diversos tipos de violência apresentadas na atualidade contra a mulher: violências: psicológica, sexual, física, moral e patrimonial; e de como ela se reproduz de geração para geração. Nesta cartilha, informações sobre a Lei Maria da Penha, em seus artigos 22, 23 e 24.

Os mitos do feminino

Nesta fase, apresentei-lhes os mitos ligados ao feminino:

- Mito do amor materno
- Mito da Fidelidade
- Mito da mulher honesta
- Mito da cidadania
- Mito da liberdade para o aborto (em casos específicos)



Foto 1: Ensaio da banda formada pelos alunos "Questão de Gênero."



Foto 2: Roda de conversa

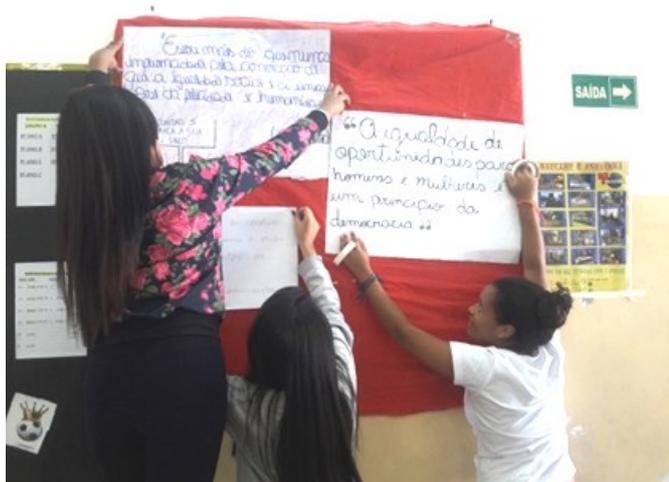


Foto 3: Cartazes acerca da disparidade de gênero, espalhados pela escola



Foto 4: cartazes "Pela Igualdade de Gênero"

A partir da apropriação destas temáticas, os alunos discutiram sobre os assuntos em uma Roda de Conversa.

Mostra dos filmes “Vista a minha pele” e “Cores & Botas”

Na sala de informática, os alunos viram os curtas “Vista a minha pele” e “Cores & Botas”. O primeiro mostra a luta de uma menina branca em um Brasil invertido, no qual o poder está nas mãos do negro. O outro, uma menina negra que sonha em ser “Paqueta da Xuxa” concorrendo com meninas brancas.

Após os filmes, debates críticos e reflexivos.

Apresentação dos seminários dos alunos

Como instrumento avaliativo bimestral, os alunos apresentaram pesquisas sobre o papel da mulher medieval, um recorte do conteúdo programático “Idade Média e as Cruzadas”.

Intervenção no intervalo e formação da banda Questão de Gênero

Alunas e alunos, mostraram uma coreografia da música dos anos 90, Girls just want to have fun, Cyndi Lauper. Na semana subsequente, apresentação de uma “manifestação” com a música da Pitty, “Desconstruindo Amélia”. O projeto favoreceu aos alunos uma ampliação dos universos musicais. Passaram a ouvir, e segundo eles, gostar de outros ritmos musicais. Na descoberta de novas habilidades e competências musicais, formaram uma banda, “Questão de Gênero”, composta por meninas e meninos.

No repertório deles, as músicas de

Ataulfo Alves, Pitty e Francisco, el Hombre. A banda se apresentou no VI Festival de Sincronias – DER Norte 2 - no espaço cultural do SESC SANTANA, em 10 de outubro de 2017.

Todas as fases foram avaliadas pela participação, interesse e contribuição dos alunos nas rodas de conversas, pesquisas, seminários, debates e confecção de cartazes.

AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS

O que escreveu o filósofo e professor de Filosofia, professor Ivo Lima dos Santos, quando presenciou a apresentação dos alunos na escola:

“Quando refletimos sobre “filosofia e as relações de gênero”, na educação, tendo em vista a importância desse tema para o Ensino/Aprendizagem, não podemos deixar de incluir nas discussões aspectos fundamentais, entre eles, destaco: um olhar no retrovisor sobre o processo histórico, que envolve a relação homem/mulher; o respeito as diferenças, como ponto de partida nesse debate sobre questões de gênero; o machismo e a violência contra a mulher; o feminicídio; mulher: “felicidade, liberdade e transcendência”, em sua trajetória histórica; os novos formatos de família que as transformações causaram e como a Educação, a Família, o Estado, lidam com essas realidades, a partir da formulação de Políticas Públicas, de uma Educação Libertadora e de uma conduta ética nas discussões; e, também, como as Igrejas lidam com essas mudanças, para além da demonização, da exclusão, do preconceito e de um discurso moralista em relação as pessoas e suas vidas. Parabéns a todos envolvidos no projeto!”

(Professor Ivo Lima dos Santos)

A avaliação dos alunos foi contínua, formativa e processual no que diz respeito ao interesse e participação individual e coletiva, em todas as atividades. No final do projeto, eles realizaram a autoavaliação. Foram sinceros em seus textos. Sinto que os trabalhos promoveram neles uma mudança comportamental e de mentalidade. A família também está inserida nesta avaliação, pois escreveram cartas, que enviaram a mim por meio dos alunos.

Eu, no caminhar das atividades, emociinei-me muitas vezes. Aprendi muito com eles. Foi um desafio trabalhar as mesmas temáticas em todas as cinco salas de sétimos anos e ser tão bem acolhida em minhas expectativas. Assim como sugere Rubem Alves, olhei meus alunos, e olhei de novo, e olhei de novo. Nestes olhares, eu me vi! Gostei do que vi.

FINALIZAÇÃO DO PROJETO – REFLEXÃO

Se o marido possuísse boas condições financeiras, a mulher não necessitava trabalhar, ter uma profissão para contribuir no orçamento familiar. Ainda hoje, o marido é considerado por alguns como o responsável pelo sustento do lar. Enfim, tempos diferentes e discursos iguais sobre a mulher. *Segundo (COLLING, 2000: 49):*

O discurso da inferioridade feminina estava tão arraigado na estrutura da vida das mulheres e dos homens que poucos o questionaram. A maioria das mulheres acomodavam-se na instituição familiar dominada pelos homens, que lhe garantiam subsistência, lhe ofereciam um companheiro para toda a vida e forneciam um sentimento de proteção frente ao cotidiano da vida. Vivendo para seus maridos, esquecidas, esqueciam de pensar sobre si mesmas.

Vivemos em uma sociedade forjada e perpetuada pelas desigualdades sociais, étnicas, culturais, econômicas e sexistas. Nas alamedas dessas diversidades históricas caminham a questão das disparidades, muitas vezes truculentas, entre masculino e feminino. Fundamentalmente, desvelar, no banco escolar, a contribuição indelével da mulher, em todos os âmbitos, para a construção de uma sociedade melhor, torna possível um horizonte no qual a alteridade entre os sujeitos seja fortemente sustentável.

O projeto poderá ser replicado em quaisquer momentos dos processos educacionais, seja no Ensino Básico ou Superior.

Considero impossível conceber a ideia de formar um cidadão sem a compreensão de que uma sociedade só caminha para a felicidade percorrendo pelas igualdades de direitos entre homens e mulheres, independentemente da sua cor, da classe social, da religião ou de sua sexualidade.

Eliminar as desigualdades de gênero na escola é meta estabelecida pela UNESCO. Precisamos nos apropriar da esperança em vivermos em uma sociedade melhor, mais justa, equalizada.



Foto 5: apresentação da banda "Questão de Gênero" no espaço cultural SESC SANTANA em 10/10/17. Ao fundo, apresentação do vídeo do projeto realizado

A partir da apropriação destas temáticas, os alunos discutiram sobre os assuntos em uma Roda de Conversa.

Mostra dos filmes “Vista a minha pele” e “Cores & Botas”

Na sala de informática, os alunos viram os curtas “Vista a minha pele” e “Cores & Botas”. O primeiro mostra a luta de uma menina branca em um Brasil invertido, no qual o poder está nas mãos do negro. O outro, uma menina negra que sonha em ser “Paqueta da Xuxa” concorrendo com meninas brancas.

Após os filmes, debates críticos e reflexivos.

Apresentação dos seminários dos alunos

Como instrumento avaliativo bimestral, os alunos apresentaram pesquisas sobre o papel da mulher medieval, um recorte do conteúdo programático “Idade Média e as Cruzadas”.

Intervenção no intervalo e formação da banda Questão de Gênero

Alunas e alunos, mostraram uma coreografia da música dos anos 90, Girls just want to have fun, Cyndi Lauper. Na semana subsequente, apresentação de uma “manifestação” com a música da Pitty, “Desconstruindo Amélia”. O projeto favoreceu aos alunos uma ampliação dos universos musicais. Passaram a ouvir, e segundo eles, gostar de outros ritmos musicais. Na descoberta de novas habilidades e competências musicais, formaram uma banda, “Questão de Gênero”, composta por meninas e meninos.

No repertório deles, as músicas de

Ataulfo Alves, Pitty e Francisco, el Hombre. A banda se apresentou no VI Festival de Sincronias – DER Norte 2 - no espaço cultural do SESC SANTANA, em 10 de outubro de 2017.

Todas as fases foram avaliadas pela participação, interesse e contribuição dos alunos nas rodas de conversas, pesquisas, seminários, debates e confecção de cartazes.

AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS

O que escreveu o filósofo e professor de Filosofia, professor Ivo Lima dos Santos, quando presenciou a apresentação dos alunos na escola:

“Quando refletimos sobre “filosofia e as relações de gênero”, na educação, tendo em vista a importância desse tema para o Ensino/Aprendizagem, não podemos deixar de incluir nas discussões aspectos fundamentais, entre eles, destaco: um olhar no retrovisor sobre o processo histórico, que envolve a relação homem/mulher; o respeito as diferenças, como ponto de partida nesse debate sobre questões de gênero; o machismo e a violência contra a mulher; o feminicídio; mulher: “felicidade, liberdade e transcendência”, em sua trajetória histórica; os novos formatos de família que as transformações causaram e como a Educação, a Família, o Estado, lidam com essas realidades, a partir da formulação de Políticas Públicas, de uma Educação Libertadora e de uma conduta ética nas discussões; e, também, como as Igrejas lidam com essas mudanças, para além da demonização, da exclusão, do preconceito e de um discurso moralista em relação as pessoas e suas vidas. Parabéns a todos envolvidos no projeto!”

(Professor Ivo Lima dos Santos)

A avaliação dos alunos foi contínua, formativa e processual no que diz respeito ao

interesse e participação individual e coletiva, em todas as atividades. No final do projeto, eles realizaram a autoavaliação. Foram sinceros em seus textos. Sinto que os trabalhos promoveram neles uma mudança comportamental e de mentalidade. A família também está inserida nesta avaliação, pois escreveram cartas, que enviaram a mim por meio dos alunos.

Eu, no caminhar das atividades, emocionei-me muitas vezes. Aprendi muito com eles. Foi um desafio trabalhar as mesmas temáticas em todas as cinco salas de sétimos anos e ser tão bem acolhida em minhas expectativas. Assim como sugere Rubem Alves, olhei meus alunos, e olhei de novo, e olhei de novo. Nestes olhares, eu me vi! Gostei do que vi.

FINALIZAÇÃO DO PROJETO – REFLEXÃO

Se o marido possuísse boas condições financeiras, a mulher não necessitava trabalhar, ter uma profissão para contribuir no orçamento familiar. Ainda hoje, o marido é considerado por alguns como o responsável pelo sustento do lar. Enfim, tempos diferentes e discursos iguais sobre a mulher. *Segundo (COLLING, 2000: 49):*

Vivemos em uma sociedade forjada e perpetuada pelas desigualdades sociais, étni-

O discurso da inferioridade feminina estava tão arraigado na estrutura da vida das mulheres e dos homens que poucos o questionaram. A maioria das mulheres acomodavam-se na instituição familiar dominada pelos homens, que lhe garantiam subsistência, lhe ofereciam um companheiro para toda a vida e forneciam um sentimento de proteção frente ao cotidiano da vida. Vivendo para seus maridos, esquecidas, esqueciam de pensar sobre si mesmas.

cas, culturais, econômicas e sexistas. Nas aldeias dessas diversidades históricas caminham a questão das disparidades, muitas vezes truculentas, entre masculino e feminino. Fundamentalmente, desvelar, no banco escolar, a contribuição indelével da mulher, em todos os âmbitos, para a construção de uma sociedade melhor, torna possível um horizonte no qual a alteridade entre os sujeitos seja fortemente sustentável.

O projeto poderá ser replicado em quaisquer momentos dos processos educacionais, seja no Ensino Básico ou Superior.

Considero impossível conceber a ideia de formar um cidadão sem a compreensão de que uma sociedade só caminha para a felicidade percorrendo pelas igualdades de direitos entre homens e mulheres, independentemente da sua cor, da classe social, da religião ou de sua sexualidade.

Eliminar as desigualdades de gênero na escola é meta estabelecida pela UNESCO. Precisamos nos apropriar da esperança em vivermos em uma sociedade melhor, mais justa, equalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COLLING, Ana Maria. A construção da cidadania da Mulher Brasileira: a questão da igualdade e da diferença. PUC - RS. Porto Alegre, 2000, p. 49. (Tese de doutorado)

FERREIRA, Elizabeth Xavier. Mulheres, militância e memória. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. Mulheres em movimento. São Luís:Edufma, 2007.

Filmes: Vista minha pele – direção: Joel Zito Araújo, curta nacional, 2008; Cores & Botas – direção: Juliana Vicente, curta nacional, 2010.

Revista: Mulher, vire a página. / Ministério Público do Estado de São Paulo - MPSP/ Grupo de Atuação de Enfrentamento à Violência Doméstica (GEVID)

RELATO



UNIVERSIDADE EM “CASA”: DIREITOS HUMANOS, REFLEXÕES E PRÁTICAS

Prof.^a Zuleika Stefânia Sabino Roque e Prof. Alex Rodolfo Carneiro

Introdução

A Educação em Direitos Humanos tem sido trabalhada de forma hercúlea e por essa razão, reunir práticas exitosas além de validar ações, trata-se de um exercício de perseverança e de importante validação, para que, discursos de ódio e de afronta aos Direitos Humanos, atualmente ventilados com grande força, principalmente na imprensa e nas redes sociais sejam no mínimo enfraquecidos à luz de experiências que apontam sobre o papel da educação nesse processo de reverberação de “verdades” que esvaziam conquistas e põe em risco a consolidação da democracia e da prática cidadã.

A discussão sobre Direitos Humanos é ampla e jamais seria possível de ser esgotada em um único semestre, sabendo-se que engloba dimensões diversas como a ética, jurídica, econômica, política, social, histórica-cultural, por fim, a dimensão sobre a qual elegeu-se trabalhar de forma específica, foi a educativa; considerando-se que o homem é um ser, ao mesmo tempo, natural e cultural, que deve ser

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar uma experiência pedagógica, integrando estudantes do Ensino Superior do Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo e estudantes da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA) Tamoiós, de São José dos Campos-SP. A principal motivação para o desenvolvimento do projeto, deu-se a partir da proposta de avaliação da Unidade Curricular denominada: Direitos Humanos e Multiculturalismo, baseada na metodologia ABP (Aprendizagem Baseada em Problema). Os estudantes definiram como público-alvo, adolescentes em condição de privação de liberdade e com o apoio do Núcleo Pedagógico, da Promotoria de Justiça e da Gestão da referida instituição, puderam vivenciar e produzir conhecimentos que, se restritos à sala de aula, não teriam lhes conferido rica apropriação sobre a Educação em Direitos Humanos.

AUTORES:

Zuleika é Licenciada em História (UNIVAP), Pedagogia (UNITAU), Especialista em História (UNIVAP), Mestre e Doutora em História (PUCSP), PEB II (História) da SEE e Professora Visitante do Instituto de Ciência e Tecnologia da USP, membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UNIFESP (NEAB).

Alex é Licenciado em Filosofia (Faculdade Dehoniana), Pedagogia (FacDottori) e Sociologia (UnAr), Especialista em Psicopedagogia (FacDottori), Mestre em Educação (Metodista-SP) PEB II da SEE, PCNP da Diretoria Regional de Ensino de São José dos Campos.

“educado” pela sociedade. A educação para a cidadania constitui, portanto, uma das dimensões fundamentais para a efetivação dos direitos, tanto na educação formal, quanto na educação informal ou popular.

Sabe-se que para transformar a realidade, é necessário compreender o cotidiano e a trama diária de relações, emoções, perguntas, socialização e produção do conhecimento que se cria e se recria continuamente. Há portanto a necessidade de formar sujeitos sociais ativos, protagonistas, atores sociais capazes de viver no dia a dia, nos distintos espaços sociais, uma cidadania consciente, crítica e militante; tornando um hábito a participação e a discussão sobre os assuntos públicos.

O protagonismo dos estudantes é, sem dúvida, mola propulsora para o sucesso em situações de aprendizagem. Há dois fatores importantes no desenvolvimento deste trabalho: o fato dos estudantes envolvidos fazerem parte de uma unidade curricular eletiva e a experiência¹ e/ou indagação dos mesmos sobre o sistema penitenciário brasileiro, que foi alvo de cobertura intensa da imprensa no início do ano de 2017².

Quanto aos objetivos da Unidade Curricular na qual se desenvolveu o presente projeto, foram apresentados aos estudantes como sendo objetivos gerais: compreender os debates e nexos entre direitos humanos, multiculturalismo em relação à construção social do conhecimento, da ciência e tecnologia; além de analisar principais debates sobre Direitos Humanos e Multiculturalismo.

Diante disso, levantou-se e sistematizou-se os principais temas de interesse dos

estudantes e definiram-se referências bibliográficas e pessoas representando diferentes instituições a fim de qualificar os debates e a conferir-lhes com maior precisão possível situações reais para que os projetos desenvolvidos pelos estudantes pudessem ser viabilizados e desse modo integrar a teoria com a prática.

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

O trabalho foi desenvolvido em dois locais, sendo o primeiro onde ocorreram as aulas expositivas dialogadas, debates e reuniões de alinhamento e de orientação: o Campus Parque Tecnológico, no Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo, com alunos do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia, matriculados na Unidade Curricular eletiva, interdisciplinar denominada Direitos Humanos e Multiculturalismo. E, o “campo” da pesquisa, sendo a Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente de São José dos Campos, pertencente à Diretoria Regional de Ensino de São José dos Campos.

A equipe de trabalho envolvida, consistiu em uma professora da Universidade Federal de São Paulo, um professor coordenador do núcleo pedagógico; responsável pela pasta de socioeducação; seis estudantes³ do Instituto de Ciência e Tecnologia e dois coordenadores pedagógicos da Fundação CASA.

O projeto desenvolveu-se de março a julho de 2017 e no segundo semestre, continua em desenvolvimento, desvinculado de unidade curricular, em caráter voluntário e com potenci-

¹ Um dos estudantes é Agente Penitenciário e outros dois conheceram jovens que já estiveram em situação de privação de liberdade.

² No momento de início da Unidade Curricular um dos casos mais emblemáticos que foram trazidos pelos alunos quando questionados sobre as motivações pelas quais se matricularam na UC e que temáticas gostariam de discutir ao longo do semestre, o sistema prisional foi um dos assuntos mais citados. Em janeiro (2017), a título de exemplo, uma rebelião que durou mais de 14 horas, tornou-se a maior chacina registrada no sistema prisional do Rio Grande do Norte, foram 26 detentos mortos na Penitenciária Estadual de Alcaçuz e no Pavilhão Rogério Coutinho Madruga.

³ O grupo responsável pelo desenvolvimento do projeto em questão foi formado pelos estudantes: André L. G. Bien, Bianca F. Camilo, Felipe F. Mendonça, Kássio H. S. Silveira, Marcelo V. S. C. Braga e Lucas O. Cavalheiro



Figura 1: 1ª visita técnica à Fundação CASA para entrevista com os Gestores (Fase de Imersão) do Design Thinking. 25/07/17.



Figura 2: Momento de socialização da fase de idealização com os colegas de turma na Universidade, depoimentos emocionados sobre as visitas e possibilidades para a culminância (execução do protótipo) 08/06/17

alidade para transformar-se em extensão universitária, oportunizando a mais universitários e adolescentes a troca de experiências e ampliação de horizontes. Percebeu-se que através das ações foi possível à equipe compreender os debates conceituais acerca de ciência, tecnologia e direitos humanos; bem como compreender nexos entre Direitos Humanos, multiculturalismo, diversidade e alteridade.

METODOLOGIA:

Observando a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as orientações para a construção dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP), notamos que tais documentos consideram como parte integrante do ensino público e privado tanto a formação profissional quanto a formação para a cidadania, através da inclusão, em todo o pro-

cesso formativo, de conteúdos e metodologias relativas à questão da cidadania.

A proposta apresentada aos alunos, partiu de um encontro inaugural, no qual se propôs uma reflexão subjetiva, sobre as motivações pelas quais cada um estava matriculado em uma eletiva com a temática de Direitos Humanos em um Instituto que tem as Ciências Exatas como carro chefe .

Como desdobramento dessa reflexão, propôs-se um levantamento de conhecimentos prévios do que se entendia por DH e quais eram as principais temáticas consideradas pontos de interesse para investigação e debates durante os encontros.

Nos encontros subsequentes reforçou-se sempre o perfil do egresso do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia estabelecido no Projeto Político Pedagógico do ICT⁴ e a relação da tecnologia e dos conhecimentos que

⁴ Dentre as competências apontadas no PPP do BCT ICT estão: capacidade de identificar e resolver problemas, enfrentar desafios e responder às novas demandas da sociedade contemporânea; capacidade de comunicação e argumentação em suas múltiplas formas; capacidade de atuar em áreas de fronteira e interfaces de diferentes disciplinas e campos do saber; atitude investigativa, de prospecção, de busca e produção do conhecimento; capacidade de trabalho em equipe e em redes; capacidade de reconhecer especificidades regionais ou locais, contextualizando e relacionando com a situação global; atitude ética nas esferas profissional, acadêmica e nas relações interpessoais; comprometimento com a sustentabilidade nas relações entre ciência, tecnologia, economia, sociedade e meio-ambiente; sensibilidade às desigualdades sociais e reconhecimento da diversidade dos saberes e das diferenças étnico-culturais; capacidade de utilizar novas tecnologias que formam a base das atividades profissionais.



Figura 3: Visita da equipe à Fundação CASA (maio de 2017)



Figura 4: apresentação musical dos adolescentes internos na Câmara Municipal de São José dos Campos (junho de 2017)

são construídos no Instituto com relação aos Direitos Humanos, reforçando-se a necessidade da construção de um caminho próprio de reflexão e de produção do conhecimento a partir de metodologias ativas de aprendizagem como a sala de aula invertida e principalmente o *design thinking* que define como três as etapas de sua execução: imersão, ideação e prototipagem.

Os estudantes universitários viveram um momento de imersão, realizando visitas técnicas à Fundação CASA, praticando a escuta para a compreensão das necessidades e perfil do público-alvo, em contato com gestores e equipe pedagógica, puderam ter ideia de como é o cotidiano dos adolescentes, as principais dificuldades encontradas por eles após o período de privação de liberdade, o contexto familiar, as ferramentas didáticas utilizadas durante o período em que permanecem em medida socioeducativa, dentre outros fatores que ajudaram a avançar para a fase de ideação.

À medida em que os debates e leitura de textos acadêmicos iam ocorrendo, reuniões com a Equipe Gestora da Fundação CASA e orientações do Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico, aconteceram de forma conco-

mitante, ressalta-se o importante papel das redes sociais como ferramenta para alinhamento das ações que levaram a visitas à Fundação inicialmente sem o contato dos adolescentes, ida à apresentação musical dos internos na Câmara Municipal de São José dos Campos⁶, ainda durante a fase de ideação, até efetivamente à culminância que ocorreu durante o recesso de julho.

Na fase de execução do protótipo, que consistiu em uma semana de atividades como oficinas, workshops e rodas de conversa, que utilizou o período de recesso escolar, os estudantes da universidade, realizaram atividades diferenciadas, com diversas linguagens e estratégias como prática esportiva, crônica, música, artes visuais, tendo como eixo norteador o tema cidadania.

Os adolescentes foram incentivados a produzirem registros das atividades, baseando-se no conceito de educomunicação, produziram fanzines, fotografias, textos com os quais foi possível criar uma documentação das ações protagonizada por eles próprios.

As atividades programadas tiveram coesão, mesclando atividades práticas, recreativas, como jogo de futebol, pinturas, música,

⁶ Ocorreu em Junho de 2017 a Edição do The Voice do CASA, competição que elegeu o melhor cantor do centro socioeducativo, conforme release oficial : <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=final-do-the-voice-do-casa-tamoios-ser%C3%A1-na-c%C3%A2mara-municipal&d=7953> O acompanhamento dessa atividade foi de suma importância para definir a música como uma linguagem de grande aceitação para atividades que seriam desenvolvidas durante o projeto.

porém todas elas apresentavam reflexões sobre a questão da cidadania, permitindo reflexões importantes que não se limitavam a uma cidadania “de papel”, mas a uma cidadania pautada principalmente no direito social à educação, a principal inspiração dos universitários foi o caso do interno Jonathan Felipe da Silva Santos, que cursa o segundo ano do ensino médio, que, durante uma aula de química, na Fundação CASA, sentiu-se motivado a buscar respostas para um questionamento, dando origem a um projeto de iniciação científica: “A professora disse, durante a aula, que a acidez do solo prejudica o fruto e a planta. Perguntei como seria possível corrigir isso, e ela disse que o giz poderia ser utilizado para esse fim. A partir daí, resolvi ver como isso poderia acontecer na prática”.

Segundo relatório final da Unidade Cur-

ricular de Direitos Humanos e Multiculturalismo, o objetivo dos universitários com o desenvolvimento das ações junto à Fundação CASA é:

Desenvolver competências necessárias para que os alunos do curso Bacharelado em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Paulo, se tornem aptos para contribuir na melhor formação dos adolescentes internos da Fundação CASA Tamoios e ainda impulsionar esses adolescentes a se dedicarem aos estudos como ferramenta essencial para suas respectivas formações como cidadãos.

RESULTADOS

Para avaliação da Unidade Curricular, pontualmente, os estudantes apresentaram um relatório circunstanciado intitulado “Estudo sobre o Funcionamento e as Características da Educação dos Internos da Fundação CASA Tamoios, no qual de forma dialógica, descrevem os estudos sobre socioeducação em ambi-



Figura 5: aluno Jonathan Felipe premiado em Feira de Ciências da SEE/SP

⁷ Vide matéria completa em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/05/20/projeto-de-aluno-da-fundacao-casa-ganha-premio-em-feira-de-ciencias.htm> Acessado em 20/10/2017

ambientes de privação de liberdade.

Ao se debruçarem sobre as características da educação praticada e possível junto aos internos da Fundação, levando em conta as expectativas dos adolescentes e os conhecimentos que os universitários possuem e que poderiam compartilhar, de modo a dinamizar as atividades pedagógicas a partir de atividades dos voluntários, projetos educativos, culturais e científicos desenvolvidos durante o recesso de julho, mostraram-se um caminho interessante de promover a interação entre jovens universitários e jovens internos, a fim de que se ampliem perspectivas após cumprirem período de exclusão.

Dentre as atividades programadas para os próximos meses estão aulas básicas de violão e aulas práticas relacionadas aos conteúdos de ciências que possam ser motivadores para que os internos tenham outras perspectivas de vida pós período de privação de liberdade. Por serem estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, temas como princípios básicos de eletricidade⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Segundo o ECA (estatuto da criança e do adolescente), no seu artigo 53 cita: *“todo adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”*. Entretanto, com raridade observa-se jovens, que na adolescência cumpriram medidas socioeducativas, que ingressam no ensino superior, ou mesmo que tiveram acesso a um ensino básico com qualidade para se tornarem aptos a ingressarem em um ensino superior.

Uma vez instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, o estatuto citado acima passa a garantir os direitos da criança e do adolescente e contrapor-se a um histórico de controle e de exclusão social sustentado pela Doutrina da Proteção Integral. Portanto, o ECA expressa direitos da população infanto-juvenil brasileira, pois afirma o valor intrínseco da criança e do adolescente como ser humano, a necessidade de especial respeito à sua condição de pessoa EM DESENVOLVIMENTO, o valor prospectivo da infância e adolescência como portadora de continuidade do seu povo e o reconhecimento da sua situação de vulnerabilidade, o que torna as crianças e adolescentes merecedoras de atenção específica no que tange a educação de qualidade. Entre essa população encontram-se os adolescentes em conflitos com a lei que precisam de total assistência pois se enquadram no rol de menores em situação de vulnerabilidade, portanto exprime-se a necessidade do engajamento da sociedade e seus representantes como agentes socioeducativos que contribuam para a formação e desenvolvimento de adolescentes que se encontram internos nas unidades para o cumprimento de sanções socioeducativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADDOR, Felipe; HENRIQUES, Flávio Chedid (orgs). **Tecnologia, Participação e Território Reflexões a partir da prática extensionista**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.**

⁷ A partir dessas oficinas, pretendem dinamizar os conteúdos curriculares de Física, com os temas: tensão, corrente, potência, energia, circuitos em série, circuitos em paralelo. A maquete a ser construída simula conhecimentos aplicáveis à construção civil. Outra oficina programada é a de Conceitos Básicos de Programação utilizando o Kit Arduino, que é uma plataforma de desenvolvimento de código-aberto, promovendo noções básicas de robótica. A oficina de Princípios de Eletroquímica utilizando Pilha de Daniell.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2007. BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 dez. 96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acesso em 15 ago.2006. Disponível em: http://www.sjc.unifesp.br/files/PP_VER_APROVADA_CG.pdf

BROWN, Tim. **Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias** Design Thinking. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PHILIPPI JR, Arlindo e FERNANDES, Valdir. (orgs). **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa**. Barueri, SP: Manole, 2015.

RIBEIRO, Luís R. de Camargo. **Aprendizagem Baseada em Problemas PBL Uma experiência no Ensino Superior**. São Carlos: EdUFS-Car, 2010.



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Educação